OBRAS COMPLETAS

DE

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO

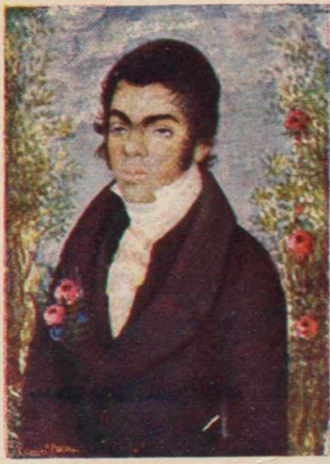
VOLUME I

VOLUMES PUBLICADOS:

I — Amor e melancolia.

NO PRÉLO:

II — A chave do enigma.



CASTILHO
(Segundo uma miniatura de 1826)

OBRAS COMPLETAS DE A. F. DE CASTILHO

Revistas, annotadas, e prefaciadas por um de seus filhos

I

AMOR E MELANCOLIA

OU

A NOVISSIMA HELOISA

NOVA EDIÇÃO

LISBOA

Empreza da Historia de Portugal

Sociedade editora

LIVRARIA MODERNA | TYPOGRAPHIA

R. Augusta 95 | *45, R. Ivens, 47*

1908



OBRAS COMPLETAS DE A. F. DE CASTILHO
Revistas, annotadas, e prefaciadas por um de seus filhos
I

AMOR E MELANCOLIA

OU

A NOVISSIMA HELOISA

NOVA EDIÇÃO

LISBOA
Empreza da Historia de Portugal
Sociedade editora
LIVRARIA MODERNA || TYPOGRAPHIA
R. Augusta 95 || *45, R. Ivens, 47*
1903

ADVERTENCIA GERAL

Ha em todas as Nações cultas, para uso, instrucção, e estimulo dos estudiosos, collecções completas e uniformes das obras dos seus melhores escriptores; até as ha tão luxuosas, que parecem, antes de mais nada, meros pretextos a exhibições typographicas e artisticas; para lidas e manuseadas é que essas não nasceram.

Com edições populares, accessiveis a todos os cobres, lucram os autores, e lucram os leitores.

Começa agora a pensar-se em Portugal, muito á séria, em publicações d'este genero, nitidas, revistas, correctas, facilmente transportaveis, e que, pela modicidade do custo, possam penetrar em todos os lares.

Entendemos associar-nos a tão fecundo pensamento; e com a mira mais na utilida-

de do publico, do que nos lucros pecuniarios, temos lançado no mercado portuguez e brazileiro obras de verdadeiros mestres.

Emprehendemos agora a collecção completa das obras de Antonio Feliciano de Castilho, alto poeta e alto prosador, cujas varias edições, ha muito esgotadas, e procuradas quasi debalde, attingiram tão elevada cotação, que se tornaram, por assim dizer, inaccessiveis. De mais a mais, como o autor, privado da vista desde a mais tenra meninice, não podia por seus olhos rever os manuscriptos, nem as provas, quasi todas as edições de Castilho são feias, mal paragraphadas, mal pontuadas, pouco correctas, o que lhes não facilita leitura.

Na edição que vai seguir com um voluminho por mez, regularmente desde Maio em diante, procuraremos, quanto em nós caiba, remediar inconvenientes tão graves.

Não tencionamos seguir a ordem chronologica segundo a qual sahiram á luz os livros de Castilho; irão entremeadas obras modernas com obras antigas, e de quando em quando apresentaremos um volume da sua correspondencia particular, que o retrata fielmente, e mostra as suas relações intellectuaes e sociaes com os melhores engenhos da era.

É necessario saber-se uma coisa: d'entre as suas producções, Castilho queria pouco ás primeiras: tinha adherido, apesar da sua educação classica, ao movimento romantico; tinha aperfeiçoado notavelmente a sua *maneira;* tinha-se tornado philólogo artista, escutando ao Povo das serras e do campo a boa e riquissima lingua portugueza; tinha

cunhado para seu uso um idioma opulento, adornado de todas as joias antigas, e de toda a graça moderna; olhava pois com certo desdem, que bem se explica, para os primeiros tentames da sua Musa.

Mas o que é certo, e reconhecido de todos os entendedores conscienciosos, é que nos primeiros tentames da sua Musa ha uma frescura de tom, uma ingenuidade amante, um colorido certo, que admiram n'um litterato portuguez d'aquelle tempo, e assombram n'um cego!

Ha escolas, ha livros, que passam de moda para o geral dos leitores; mas quando são bons, quando commoveram duas ou tres gerações, não morrem; conserval-os, e estudal-os, é dever, e é ensinamento. São marcos milliarios na grande estrada do Progresso humano.

Por que veio Hugo, não deixa de ler-se Corneille. Por que veio Vigny, não deixa de ler-se Racine. Por que veio Herculano, não deixam de ler-se os Brandões, e João Pedro Ribeiro. Por que veio Garrett, não deixam de ler-se Antonio Ferreira, Antonio Prestes, e Gil Vicente. Por que as nossas Lettras nacionaes são hoje muito outras do que eram em 1820, não deixa de ler-se Castilho.

Este é o nosso pensamento fundamental; este é o nosso programma. Ha logar para todos.

Á publicação das obras de Castilho seguir se-ha um vasto catalogo bibliographico, em que todas serão collocadas na ordem em que nasceram.

Assim pois ficará a juvenil geração con-

temporanea possuindo as provas do largo e fecundo caminho rasgado nas trevas por aquella intelligencia superior, por aquella vontade perseverante e excepcional, por aquelle vidente pobre e sublime, que tanto contribuiu, aqui e lá fóra, para gloria do Nome portuguez.

L'aveugle voit dans l'ombre un monde de clarté.
Quand l'œil du corps s'éteint, l'œil de l'esprit s'allume.

Maio de 1903

Os Editores

ADVERTENCIA ESPECIAL
AO «AMOR E MELANCOLIA»

Este livro que hoje sai a lume em 3.ª edição portugueza, depois de varias brazileiras, alcançou desde o seu apparecimento grande fama.

A 1.ª edição é de 1828, anno em que a obra se achava toda escripta. E' uma simples collecção de devaneios poeticos, scismados desde 1824 pelo autor em Coimbra, e na sua saudosa Bairrada; possuia o a febre dos primeiros purissimos amores com a sua incognita admiradora de Vairão; sentia-se já illuminado na luz do romanticismo.

Como tudo isso nasceu, como na pasta do carinhoso irmão e secretario, Augusto Frederico, se accumularam a pouco e pouco os manuscriptos, que juntos tomaram por titulo *Amor e melancolia,* explique-o o proprio autor, no precioso appenso autobiographico denominado *A chave do enigma,* que consti-

tuirá o segundo volume d'esta nossa collecção.

Classico por educação, e por indole, toma Castilho, como acima apontámos, uma orientação nova, propriamente pessoal, já principiada vagamente a adquirir na *Primavera* (1822), e até nas *Cartas de Echo e Narciso*, (1821). N'esses dois volumes, vibrantes de mocidade, já com effeito se entremostra a influencia da poesia subjectiva, analytica, pintada do natural, vivida, que fórma o distinctivo da affectuosa escola romantica. Entretanto, o que n'aquellas tentativas era apenas embrião, acha-se realisado em cheio no *Amor e melancolia*.

Estes versos liam-se, liam se muito, recitavam-se, cantavam-se nas salas; o publico percebeu-os; prova de que lhe diziam alguma coisa ao entendimento e ao coração. As sonatas de Beethowen, as melodias placidas e singelas de Mozart, parecem pallidas diante da orchestração ruidosa de Verdi ou Meyerbeer. Este livro, se descóra diante das apaixonadas e bulhentas harmonias de certos romanticos, tem comtudo entre ellas o mesmo logar, que, junto a Verdi e Wagner, tem Mozart ou Haydn.

N'esta edição conservou-se intacto, como devia ser, o texto, amodernando e uniformisando a orthographia.

A' *Chave do enigma* tambem se applicou o mesmo processo, partindo esse formoso trecho em paragraphos, conforme o pedia a sequencia dos assumptos, divisões que o auctor não dictou, mas cuja vantagem não deixará de reconhecer-se.

Vai pois o leitor ter entre mãos dois padrões importantes da alta existencia litteraria de Castilho: o *Amor e melancolia*, rescendente e melindrosa flor dos vinte e quatro aos vinte e oito annos; *A chave do enigma*, fructo sazonado e succulento dos seus sessenta e dois outonos

ADVERTENCIA DA PRIMEIRA EDIÇÃO

(1828)

Compuz este livro sem cuidar no publico. Não pensei nem em modelos, nem em meios de produzir effeito; prohibi-me todo o trabalho, porque não forcejava pela gloria. Escrevi uma epoca dos meus sentimentos e ideias; procurei pintar o que encontrei n'um universo onde ninguem entrou comigo. Aquelles que lerem esta obra, desejar-lhe-hão talvez um commentario; não lh'o posso fazer. Demais, ¿que importa ao publico se eu cobri de geroglificos um monumento que eu só levantei para mim? Convencido de que as recordações são os unicos bellos astros que adornam a noite da velhice, fundei aos vinte e seis annos da minha idade este padrão, onde virei um dia encostar-me, e pensar com saudade nos tempos que passaram.

CARTA A ***

REPRODUZIDA DA PRIMEIRA EDIÇÃO

¡Ente unico! Mulher incomparavel, a quem dou com a maior effusão de ternura o nome de *minha Julia,* posto aborreça este nome, como a mascara, que occulta um semblante angelico. ¿Tal como te conheço, és tu obra da imaginação, ou da natureza? ¿Um sonho, ou uma realidade? ¿Um desejo, ou uma profecia? Condemnado a ignorar se existes, sinto entretanto que só eu e tu existimos. Estás em toda a parte; falo-te como ao Espirito Universal; mas nunca te encontro. Algumas vezes tenho julgado ouvir-te palavras, passos, alguns suspiros, e o rugido dos teus vestidos ligeiros. Ou uma illusão teimosa me persegue, ou tu és um Genio incomprehensivel, que me acompanha eternamente, para compôr o meu destino da inexplicavel mistura de felicidade e desgraça. Uma união mysteriosa, um hymeneu todo puro nos ligou com uma cadeia leve

e impossivel de quebrar; cadeia forjada no céo, para a qual os homens não teem ainda inventado nome; se eu não sou o teu, tu és irrevogavelmente a minha esposa.

Divina Julia, se o amor é o unico genero de gloria permittido ás mulheres, gloria-te: nunca mulher alguma foi, ou ha-de ser, amada como tu; a esphera dos teus meritos é infinita, a do meu amor tem egual diametro. ¿Queres tu conhecer o meu amor, e o meu estado? A natureza tem uma só imagem que os possa representar; são os desertos africanos: o circulo do seu horizonte se desfaz na immensidade; um céo de ferro em braza pésa sobre areiaes estereis, estereis como a desesperação, e mudos como o sepulcro; tempestades de fogo agitam os ares; o viajante, queimado da sede, julga ver muitas vezes lagos abundantes, que desapparecem logo á sua aproximação, porque só eram formados pelos raios do sol reflectidos nas areias. Se tornares mais raros n'estes desertos os pequenos oásis de verdura que os interrompem de longe em longe, tens o estado perpetuo do meu coração.

Perdoa-me, Julia; eu tenho cem vezes derrubado do altar o idolo; tenho-me dito «a mulher perfeita não existe». Então, tu te aniquilas, e eu góso da mais horrivel liberdade. Acordando de um sonho luminoso, acho-me opprimido das trevas; mas a Phenix renasce das suas cinzas, e o mar agitado produz segunda Venus.

¿Este amor, que nasceu sem semente, cresceu sem esforços, enlaçou com as suas raizes toda a minha essencia, e que tantas vezes se tem coberto de flores, Julia, este

amor regado pelas minhas lagrimas, não produzirá jámais um fructo?...

Se este livro, que eu compuz para ti, chegar ás tuas mãos, serás a unica pessoa, depois de mim, que o entenda; porque o espirito que sahiu da minha bocca, passará invisivel e mudo por entre os homens; e só irá falar aos teus ouvidos. Mas se tu não existes fóra da minha imaginação, filha da minha ternura, sê ao menos uma chimera eterna.

ADVERTENCIA DA EDIÇÃO DE 1862

¿Por que será que tão apoucada obrinha, como esta é, se tornou tão acceita, que, esgotada para logo a primeira edição, seguida de outra e outras no Brasil, ainda não deixou de ser pedida? ¿e por que será, que, ha tantos annos pedida, nunca até hoje o autor poude acabar comsigo que a republicasse?

Eu, ao certo ao certo, não o sei; mas suspeito que entrevejo uma e outra causa.

Agradou este livrinho, porque era uma flor de annos verdes, nativa e inculta; e essas taes agradam sempre. Quizeram-lhe tambem, por suspeitarem que algures no coração lhe estavam as raizes, e sob a fabula palpitava realidade; e era assim.

Ora, por isso mesmo que assim era, é que o autor sentia uma repugnancia instinctiva a revolver magoas que já não era pouco terem-se uma vez experimentado, e resuscitar para si penas, que elle não repartira

com os seus leitores, mas que lá estavam por baixo de toda aquella florescencia poetica.

Agora... são passados trinta e tres annos! Posso já render-me a instancias tão obsequiosas. O tempo, incessante metamorphoseador de tudo, converteu os espinhos em saudades; n'estas já o coração consente em se reclinar.

Talvez que lá diante eu revele esse meu antigo segredo.

Então se reconhecerá, que trinta e tres annos de espera não foram de mais.

Se reler o *Amor e melancolia* me repugnava ao sentimento, confesso que tambem pouco me apetecia ao gosto poetico. Os trinta e tres annos ultimos tinham cambiado extraordinariamente a litteratura poetica geral, a portugueza, e a minha tambem. Este livro, que sahira á moda do seu tempo, desdizia pois, na maxima parte, das ideias e estilo de hoje em dia. Fôra uma das minhas primeiras excursões no campo da revolução litteraria d'este seculo; mas a revolução, obedecendo á lei geral, progredira de ruinas em fundações, e de fundações em ruinas, até perder de vista o seu primeiro horizonte; em quanto o meu poema ficára expressando uma hora d'essa mesma revolução, já passada, já esquecida por ventura, e não certamente a mais brilhante.

Nascido, creado, ajuramentado, na escola classica, devendo só a ella o primeiro favor que achei no publico, fanatisado pelos bellos genios da antiguidade, não cheguei senão tarde a fazer justiça a este livre e creador movimento da nossa era. Rendi-me, fasci-

nado pelos seus prestigios, arrastado pelo caudaloso do exemplo, inspirado pelos dictames da propria razão.

D'aqui, uma especie de eclecticismo, incalculado, involuntario, irreflectido, que vem ressumbrando por todas as minhas paginas d'esse tempo. Fazem lembrar, ao menos a mim, os oratorios dos pagãos neophytos no primeiro seculo da egreja, nos quaes se adoravam, allumiados e enflorados a par, Jesus, Esculapio, os deuses Lares, e o Anjo da Guarda.

Hoje sou tambem eclectico, mas com mais tino, mais discernimento, e melhor gosto, cuido eu; todo me confranjo ao contemplar aquellas amalgamações incongruentes e absurdas, que eu então fazia sem as perceber.

O sabel-as eu n'este livro era uma sobrerazão para o desvio em que me andava d'elle.

Lembrou-me refundil-o para o afinar todo harmonicamente. Parecia-me que, refazendo-o por parte da poesia, grande beneficiação lhe podia ao mesmo tempo introduzir tambem por parte do estylo, da linguagem, da metrificação, e da rima. Amigos cuja opinião é para mim decisiva, e de grande peso de certo para todo o publico, me conjuraram para que respeitasse a obra tal como o gosto geral, juiz supremo, a havia consagrado. Um d'elles é nada menos que pontifice da religião litteraria: é Latino Coelho. Obrigou-me a prometter-lh'o. ¿Que poderia eu recusar a quem me deu a immortalidade?!

A. F. DE CASTILHO.

AMOR E MELANCOLIA

INTRODUCÇÃO

A MUSA MELANCOLICA

Secca è la vena de l'usato ingegno
E la cetera mia rivolta in pianto.

PETRARCA.

Doce filha do Parnaso,
na c'roa que tu me deste,
não ha de loiro um só ramo;
é toda murta e cypreste.

¿ Por que não guias meus passos
por entre honrosos espinhos,
da tua montanha aos cumes,
do ethereo assento visinhos?

Ou, pelo menos, aos prados
que rega a Castalia fonte,
onde rosas, que não murcham,
colhe alegre Anacreonte,

onde Ovidio a amar ensina,
onde folga o bom Catullo,
onde se abraza Propercio,
onde suspira Tibullo.

Casta deusa do Permesso,
por tua amorosa mão
vejo-me sempre guiado
ao fundo da solidão.

Ali me sorris ás vezes;
mas sempre no teu sorriso...
não sei que tristeza occulta,
não sei que pesar diviso.

Nem trazes rosas no seio,
nem a fronte engrinaldada;
aos favónios dás a trança,
livremente desatada.

Escarlate ou niveo trajo,
ou mimoso azul celeste,
nunca a meus olhos presentas;
¡ só negra, funérea veste!

Levas-me sempre a assentar-me
n'alguma gruta sombria,
templo deserto e selvagem
da fiel Melancolia.

Tudo alli ressoa triste:
aura geme na espessura,
as aves cantam saudades,
magoas a fonte murmura.

Dás-me o licor de Aganippe
n'uma taça enfeitiçada,
aonde de Amor chorando
a imagem se vê gravada;

pões-m'a aos labios sequiosos;
eu bebo, suspiro, córo,
vou, passeio, volto, paro,
medito, abraço-te, chóro.

¡Que doce embriaguez me agita!
não é tumulto e alegria;
sinto correr com meu sangue,
respiro, melancolia.

Minh'alma se abraza em éstro,
bate as azas, vôa, gira;
eis, para ajustar-m'a aos cantos,
afinas a eburnea lyra;

mas de repente uma corda
lhe rebenta com fragor;
era a corda consagrada
aos hymnos de alegre amor;

a que de Eurydice em vida
mais vezes pulsava o Thracio,
que o Theio velho usou sempre,
que usou quasi sempre Horacio.

Em logar d'este aureo fio
de som festivo e jocundo,
pões ferrea corda, que vibra
das campas o tom profundo.

Todo o instrumento é mudado.
Prazeres de amor, não mais;
tremei de girar-lhe em tôrno,
de ouvir-lhe os funéreos ais.

Outros cantem seus prazeres,
suas esp'ranças coroadas,
e dias deliciosos,
e noites afortunadas.

De saudades e desejos
os meus cantos só componho.
Se algumas horas me riem,
são curtas horas de um sonho.

Vós, não ouseis os meus versos
tocar com profana mão,
vós, que ignorais as delicias
que habitam na solidão.

Os felizes não me leiam;
mas tu, vem chorar comigo,
vem deleitar-te em meus versos,
vem ser meu fiel amigo,

tu, mancebo, em cujo peito
uma paixão desgraçada
de pensamentos saudosos,
de vãos delirios se agrada.

Leia-me aquelle, a que a morte
roubou com braço cruel,
e cobriu de eterna pedra,
a sua amiga fiel.

Leia-me a virgem, que á tarde,
á hora em que baixa o sol,
no jardim passeia; e pára
quando escuta o rouxinol;

que pensativa suspira,
e mal distingue o porquê;
com seu coração conversa
quando sósinha se vê;

que é sempre triste de dia,
e córa, e sorri de pejo,
quando a amiga lhe protesta
que adivinha o seu desejo.

Leia-me a esposa inda nova,
em seu quarto silencioso,
á meia noite, sosinha,
em quanto não vem o esposo.

Vós sois a minha familia,
vós que em lagrimas amais:
carpi comigo; do mundo
não busco nem quero mais

A VISÃO

> Deh! dove senza me, dolce mia vita,
> Rimasa sei si giovane e si bella.
>
> ARIOSTO.

Ao longo de uma ribeira
eu passeava sosinho;
e um passaro ouvi cantando
sobre um ramo ao pé do ninho.

A esposa guardava os filhos
co'as azas agazalhados;
todo o valle era em silencio;
e elles ambos sem cuidados.

De sua vida amorosa
concebi toda a doçura;
e achei-me sósinho á beira
da corrente que murmura.

Afastei-me tristemente;
e um zephyro de passagem
me trouxe um cheiro de flores
d'entre a proxima folhagem.

E eu disse: «Este halito doce
«do seio de esposos vem;
«mais de uma florinha virgem
«agora se torna mãe.»

Vi que estava solitario;
e d'este aroma o prazer
junto á beira da corrente
mais me veio entristecer.

O sol ia quasi a pôr-se;
e a frouxa luz que espargia,
as aguas, e o campo, e o bosque,
tudo em purpura tingia.

Ao longe, ouvia as pastoras,
que os seus rebanhos levavam;
elles balavam contentes,
ellas de amores cantavam.

O sol se escondeu de todo;
e da aldeia sobre a ermida,
ao longe, o sino saudoso
deu ao dia a despedida.

Os campos ficaram tristes.
Só, de momento em momento,
se ouvia um cão em distancia,
ou brando agitar-se o vento.

E eu me achei só, assentado
ao pé d'agua que fugia;
e os sons da tarde em minh'alma
dobraram melancolia.

Já tinha nascido a lua
no ceo formoso de estrellas;
quando boiava agua a baixo
barco sem remo nem velas.

E o barqueiro ia cantando
não sei que saudosas magoas...
assentado sobre a pôpa,
debruçado sobre as aguas;

e quando elle interrompia
seu cantar, e assobiava,
mulher que vinha com elle,
em voz mui doce cantava.

A noite, as auras, a lua,
rouxinóes a gorgear,
me inspiraram sentimentos,
que não tive a quem narrar.

Então, co'o pranto nos olhos,
no coração a tristeza,
«¿Que faz a flôr no deserto?»
perguntei á natureza.

«¿Que faz um astro brilhando
«a paiz deshabitado?
«¿que presta um cabeço fertil
«no meio do mar salgado?

«¿Por que me fazes n'um vago
«inutil fogo abrazar,
«se não acho n'este mundo
«uma só que eu deva amar?!»

E eu voei co'o pensamento,
qual relampago ligeiro,
aos muros silenciosos
de solitario mosteiro.

Melancolico e silvestre
era todo esse logar:
de um lado, montanhas ermas;
do outro, pinhaes, e o mar.

E eu entrei ao mesmo tempo
no fundo do sanctuario;
das campas o surdo estrondo
movi com pé temerario.

Por toda a parte achei noite,
e o silencio mais profundo:
¡ nenhuma voz ! ¡ nenhum passo !
¡ nenhum dos filhos do mundo !

Só do môcho sobre o tecto
o triste piar se ouvia,
que pela abobada extensa
se alongava, e se perdia.

Logo o relogio da torre
meia noite fez ouvir;
do templo os echos acordam,
e tornam logo a dormir.

Depois um sino, tocado
por forte, invisivel mão,
chamou triste os pensamentos
para a nocturna oração.

Do côro, até'li deserto,
foram cheios os logares;
no ar, até'li calado,
reinaram ternos cantares.

A hora, o logar, as trevas,
e aquellas vozes suaves,
reuniram na minh'alma
á ternura ideias graves.

Ao tronco de uma columna
pensativo me encostei.
Muito mais triste que d'antes,
e muito mais só me achei.

Emmudeceu todo o côro;
eis as luzes se retiram;
bateu a porta ao fechar-se;
as santas irmans sahiram.

Da alampada veladora
o lume, já quasi extincto,
de mil tremulos phantasmas
encheu do templo o recinto.

Logo o relogio da torre
uma hora fez ouvir;
do templo os echos acordam,
e tornam logo a dormir.

Afastei-me horrorisado,
e veloz n'esse momento
ao dormitorio tranquillo
me arrojei c'o o pensamento.

Mão na face, e olhos na lua,
vi, dentro de escura cella,
chorosa virgem, sentada
ás grades de alta janella.

Conheci por seus cabellos,
e seus trajos seculares,
que não era das votadas
eternamente aos altares.

Conheci que um pensamento
nutria triste, e profundo;
e eu disse: «Qual eu me vejo,
«se vê sosinha no mundo!»

E todos quantos affectos
sua alma encerrados tinha,
n'um prophetico delirio
foram presentes á minha.

Apertei-lhe a mão com força;
e chegando-a ao coração,
«Ambos achámos — lhe disse —
«o que buscámos em vão.

«Por este céo me protesta,
«que eu juro por este céo,
«tu, ser minha eternamente;
«eu, ser para sempre teu.»

O céo ouviu nossos votos;
viu-nos a lua abraçar;
e ambos juntos assentados
ficámos a conversar.

Logo o relogio da torre
duas horas fez ouvir;
os echos de novo acordam,
e tornam logo a dormir.

¿Mas esta virgem quem era?
¿por que entrou na solidão?
¿d'onde o seu ar pensativo?
¿d'onde a interna agitação?

Alta noite!.. ella sósinha!..
¿por que razão não tremeu?
¿ao mortal desconhecido
como subito se deu?

¿Onde existe esse mosteiro,
esse encantado logar?
¡de um lado, montanhas ermas!
¡do outro, pinhaes, e o mar!

Homens, deixae meu segredo;
Basta saber que eu sou d'ella,
seja onde fôr seu retiro,
seja quem fôr esta bella.

Mulheres, este phantasma
vos excede nos encantos,
Serão d'elle eternamente
o meu amor e os meus cantos.

A VISITA IMAGINARIA

> J'ai cru voir sa vertu, son malheur et ses charmes;
> Et ce doux souvenir a fait couler mes larmes.
>
> ROUCHER.

Noite umbrosa envolve a terra;
succede o repoiso á lida,
grato repoiso que os homens
para os prazeres convida.

Cada qual isento agora
de enfadonha occupação,
se dá todo aos passatempos
que mais acceitos lhe são.

Nos aureos salões se ajuntam
numerosas sociedades;
o povo inunda os theatros;
vaga o rumor nas cidades.

A visitar quem adoro
eu quero voar ligeiro.
Esta noite que me envolve,
cérca tambem seu mosteiro.

Phantasia, é noite; acorda;
á nossa deidade vamos;
de amor ao facho divino
teu facho accende; partamos.

¡Como os caminhos se encurtam
á tua luz feiticeira!
a longa estrada nos foge
com despedida carreira.

Debaixo do nosso vôo
fazes de sorte passar
montes, prados, bosques, rios,
que os não chego a divisar.

Aos portões eis-nos chegados;
suspende... porém ¡que vejo!
¡de par em par se arrombaram!
vai triumphar meu desejo.

Detem-te; reflecte um pouco...
olha a mudez e o terror...
retrocedâmos; teu facho
foi acceso á luz de amor.

Não deves... ouve o silencio...
olha a santa escuridade...
não entremos; calca o facho,
extingue-lhe a claridade.

Em vão te conjuro, ó louca,
indomavel fantasia.
¡bem! tu me obrigas, me arrojas,
cobremos pois ousadia.

Debaixo das plantas minhas
estas marmóreas escadas
de horror tremer me parecem,
de horror de ser profanadas.

A abobada que nos cobre,
do nosso valor se assombra;
em seculos de existencia
não deu a um só homem sombra.

Eis seu quarto. Entremos... ¡Numes!
¡está sombrio e deserto!
voltemos os nossos passos,
vou encontral-a de certo.

N'esta larga e tenebrosa,
veneranda e muda arcada,
ha um sitio... ¡Oh ceos! ¡E' ella!..
eis o sitio... eil-a sentada.

Sôbre a mão reclina o rosto
tristemente pensativa;
só brilha na vasta casa
alampada semiviva,

cujo clarão palpitante
ondeia sombras escuras
no pavimento alastrado
de marmoreas sepulturas.

¡E' sonho! ¡é possivel!... ¡n'esta
medonha casa da morte
a mais bella entre as mais bellas
¡muda! ¡e triste!... ¡e d'esta sorte!

Desconsolada e sósinha,
de seus annos no verdor
languece, qual no deserto
mimosa, isolada flor.

Sua paz não perturbemos;
respeite-se o seu retiro;
contemplemol-a em silencio...
lá solta um longo suspiro...

Lá dirige á luz seus olhos...
lá chora... lá se levanta...
passeia; as campas resoam
debaixo da airosa planta.

Pára um momento, e medita...
torna agora a suspirar...
suas palavras sumidas
não deixemos escapar.

¡Se eu a adoro!... Oh Deus! se a adoro!
¡se creio em seu coração!...
¡ah! ¡que dúvida amargosa!
¡mas que suave expressão!

D'essa funesta incerteza
corramos a libertal-a:
eis-me aqui; vôa a meus braços:
¡ah! deixa abraçar-te... ah! fala!

Fala, dize, ¿inda duvídas?
¿teu amor inda receia
que eu não arda eternamente?
¿que em teus protestos não creia?

Mas... fujamos d'este sitio,
d'estas moradas tristonhas;
a amor solidões aprazem,
mas hão-de ser mais risonhas.

Esta alampada da morte
lança-lhe n'alma o terror;
de Hymeneu por entre os fachos
só verás sorrir-se Amor.

Acompanha-me, voemos;
em logar de sepulturas,
Elysio real nos chama,
e não sonhadas venturas.

¡Phantasia!... ¡ah deshumana!
¿por que me illudes asssim?!
¿por que apagas teu archote?!
¿por que te afastas de mim?!

A IMAGINAÇÃO E A RAZÃO

. . . absens absentem auditque, videtque.

VIRGILIO.

Meio disco do astro d'oiro
ja se escondeu no occidente;
clarão purpureo, da selva
as copas tinje sómente.

Agora, que a noite cresce,
e vai desfazer-se o dia,
quero gozar da saudade,
do amor, da melancolia.

¡Que longo intervallo immenso
vai d'este bosque aos seus lares!
¡os ares que ella respira,
quão longe são d'estes ares!

Entre nós se estendem valles,
densas matas, altos montes;
horizontes se encadeiam
entre os nossos horizontes.

Quando aqui nos ceos retumba
o fragor da tempestade,
¡quem sabe se os ceos que a toldam
não gozam serenidade!

Quando os euros lá bravejam,
e duro estala o trovão,
talvez os meus ceos no emtanto
em calma azulados são.

Nós falâmos um do outro,
um pelo outro suspirâmos,
mas nunca as palavras nossas,
nossos ais nunca escutâmos.

Ignoro quando passeia,
dorme ou lê, medita ou chora;
e quanto egualmente eu faço,
tudo, ¡oh ceos! tudo ella ignora.

Vivam longe os que se odeiam;
mas separados não sejam
entes que attrai sympathia,
e só por se unir forcejam.

Mas, graças á natureza,
que a dor previu dos amantes,
e lhes deu na fantasia
com que doirar seus instantes,

do mundo real se escapa
amoroso pensamento,
e no seio de quem ama
vôa a esquecer seu tormento.

N'estes instantes o corpo
fica de todo olvidado;
embora Jove o fulmine,
ou cáia o ceo despenhado;

nada teme e nada sente
o espirito venturoso;
triumpha em sagrado asilo;
um Nume o tornou ditoso.

É d'esta sorte que eu vivo
sempre co'a minha deidade;
amor me deu suas azas;
cruzaría a immensidade.

Pela manhan, quando acorda,
vou encontral-a em seu leito,
escuto-lhe a voz primeira
que sólta do terno peito;

acompanho-a todo o dia,
oiço-a a lêr, oiço-a a cantar,
pelos jardins do mosteiro
sigo-a attento a passeiar;

entre ella e as amigas suas
vou-me assentar ao serão,
a gozar da sua livre
e facil conversação.

Eu sou d'ella, estou com ella,
ninguem alli me perturba;
em vão de mil importunos
me persegue odiosa turba;

deixo-os falar a seu gosto,
nada lhes oiço nem digo,
elles me julgam presente;
e eu, querida, estou comtigo.

Se o homem todo enthusiasmo
não tivesse esta razão,
que inimiga dos prazeres
o retem na escravidão,

nem de amor entre os martyrios
se acharia desgraçado;
de imaginarias delicias
faria um risonho estado.

¡Que vezes a phantasia
compassiva, e sabia, e dextra,
um quadro para a ternura
nos compõe com mão de mestra!

Quer com elle eternamente
recrear o coração;
eis negra esponja por cima
lhe vem correr a razão;

desapparece o brilhante
colorido encantador,
e ás faces que enchia o riso,
volvem lagrimas de dor.

Se os sonhos, em que eu te vejo,
em que eu te falo, durassem,
talvêz que illusões tão vivas
sem outros bens me bastassem.

Mas a razão inimiga
mil vezes co'o sôpro seu
me apaga o facho luzente,
com que eu girava no ceo.

Então baqueio, e me abysmo;
e com teu lume divino,
razão, nada mais descubro...
que o terror do meu destino.

Razão, razão importuna,
não bebas meu pranto ardente,
procura quem te procura,
deixa em paz o amante ausente.

Do teu Laplace e teu Newton
não te peço os nobres loiros;
os meus delirios me bastam,
são meus unicos thesoiros.

Quando eu falar-lhe supponho,
não me venha a tua voz
gritar: «Insensato, observa...
«¡ que longo espaço entre vós!»

Quando eu julgo estar ouvindo
mil expressões de ternura,
não brades: «¿Quem sabe, insano,
se a bella não é perjura?»

¿Valem mil duras verdades
uma agradavel mentira?
¡oh! ¡quanto a loucura é sabia!
¡oh! ¡quanto a razão delira!

O PENSAMENTO TEMERARIO

Il pensamento in sogno trasmutai.

DANTE.

¡Que fresca risonha e leda
desponta nos ceos a aurora!
¡Como brinca entre as ramadas
aura sutil, creadora!

¡Como do rio apressado
molles ondas murmurantes
co'a luz nova se apresentam
crystallinas, scintillantes!

Repoisar me apraz á sombra
d'este arqueado chorão,
que os longos ramos ondeia
á mais tenue viração.

¡Que fresco e suave abrigo!
passe embora quem quizer;
um véo frondoso me occulta;
ninguem me aqui pode vêr.

Do mundo estou separado:
¡ que prazer! ¡ que paz tão bella!
agora sou meu, sou livre,
quero occupar-me só d'ella.

¡ Como é formosa e engraçada!
¡ que doce ternura tem!
¡ que de virtudes a animam!
¡ e quanto as exprime bem!

¡ Se eu podesse agora mesmo,
agora... n'este momento...
ir ter com ella, encontral-a,
qual me está no pensamento!...

¡ com que prazer abriria
a porta do quarto seu!
porta que aos olhos profanos
esconde o interior do ceo.

Inda agora é madrugada;
havia de a achar dormindo;
chegára ao leito, onde poisa
de meus ais o objecto lindo;

junto d'elle achára as vestes
de fórma e côr engraçada,
e as flores que ind'hontem mesmo
se ornaram co'a minha amada.

Sobre a mêza, e junto á penna,
veria, deixada em meio,
branda carta, amavel cofre
de rara ternura cheio.

Então, mais audaz ainda,
porém não mais abrazado,
erguera manso as cortinas
de seu leito perfumado.

¡ Eil-a! é Venus que repousa
entre os braços de Morpheu;
ou a risonha innocencia
que tranquilla adormeceu.

Candido linho lhe encobre
sua angelica figura;
dir-se-hia que sente inveja
de tão extremada alvura.

Mas o rosto, o collo, e um pouco
do seio se vê patente,
e n'uma das mãos repousa
sua face brandamente;

a outra talvez se aninha
entre dois globos de neve...
Volta, ousado pensamento;
¡ onde o teu vôo se atreve!

¿ Mas devo esperar que acorde?
ou, fartando os meus desejos,
roubál-a ao seio do nada
com mil diluvios de beijos?...

Sim: quero beijar-lhe a face,
depois a bocca entre-aberta,
e depois... do seio incauto
essa porção descoberta.

¿Mas que é isto? ¿Que tyranno
destroe a minha illusão?
¿Quem me desperta? ¡Ah! das auras
foi ligeira viração.

Alguns dos pendentes ramos
dar-me no rosto vieram,
e, destruindo o aposento,
no campo me repozeram.

Vae-te, ó zephyro importuno,
e na sombria caverna
entre os austros procellosos
possas ter morada eterna.

Nunca mais ternos afagos
disfrutes da rubra Flora,
nem gozes da primavera,
nem annuncies a aurora;

e nunca mais quando Julia
em seu jardim passeiar,
com seus vestidos lhe possas,
com suas tranças brincar.

A SÉSTA

il men di sua bellezza é il bel sembiante

ZAPPI.

Co'os olhos meio fechados,
sobre um sofá voluptuoso,
recostada e negligente
ella se entrega ao repouso.

Nevado, aéreo vestido
lhe cobre os membros gentis;
um musulmano a tomára
pela melhor das huris.

Almofada côr de rosa
lhe serve ao braço de encosto;
um leque attrahindo as auras,
lh'as faz voar ante o rosto,

em tôrno do collo eburneo,
e sobre o encalmado seio,
que palpita descoberto
e patente até ao meio.

A janella, está cerrada;
a camara, quasi escura;
o ceo e a terra se abrazam;
aqui se abriga a frescura.

Ninguem entra a perturbal-a;
toma um livro, e lê chorando;
os olhos ao ceo dirige,
suspira de quando em quando.

E' tua gloria este pranto,
piedosa Cottin divina;
este pranto é dado aos males
de Mathilde, ou de Malvina.

Se eu podesse... ah! ¡ se eu podesse
a doce voz que enamora
escutar d'esta sensivel
e consternada leitora!...

¡ Ouvir-lhe pintar as noites
de Malvina desgraçada,
em que ella a morte esperava,
ao vão tumulo encostada!...

¡ Que inuteis desejos formo!
quasi, quasi me esquecia,
que esta scena era só fructo
da amorosa phantasia.

A REGA DOS POMARES

Où les rayons des cieux tombent avec amour.

STAEL

Baixa o sol, refresca o valle;
respirem-se os livres ares;
vai dar-se principio á rega
d'estes florídos pomares.

Sôa a nora, enche-se o tanque,
abrem-se as grossas torneiras;
saltam, descem, correm, giram
mil trepidantes ribeiras.

Uma rede, um labyrinto
de buliçoso cristal,
retalha toda a planicie
d'este espesso laranjal.

Bebem frescura as raizes;
exhalam mais cheiro as flores;
o viço alegra a folhagem
crestada pelos calores.

¡Como tudo está contente!
¡como bello é tudo aqui!
o ar é doce, o ceo de leite,
a natureza se ri.

Em quanto as águas dirigem,
desvelados pomareiros
cantam seus rusticos versos,
que se alongam nos oiteiros.

¡Que estação! ¡que sitio! ¡que hora!
prazer, tristeza e ternura,
n'estas auras dissolvidos
se respiram com doçura.

Não sei que esp'rança e desejo,
não sei que amor e saudade,
confusamente se encontram
agora na soledade.

¿Sereis vós presentimentos
de um fado e vida melhor?
¿sereis vós os precursores
de bellos dias de amor?

Uma secreta alliança
me prende á terra florída,
aos ares, aos céos, ao bosque;
tudo a gozos me convida

Natureza chama o homem,
o homem buscal-a vem,
nutrir affectos de filho
ao-pé da mais terna mãe.

¡ Doce commercio ineffavel!
¡ encontro de alma surpreza!
¡ a natureza com o homem,
o homem com a natureza!

Nasce, ó lua; é tempo, nasce,
enche o ceo co'a luz de prata;
do vasto arvoredo as copas
inteiras no chão retrata.

Eil-a rompendo se eleva;
tinge a noite alvo luar:
correi, Driades, agora,
vagae no vosso pomar.

O ar é doce, o ceo de leite,
a natureza se ri;
estas auras vos convidam;
d'entre as arvores sahi.

Vinde em circulos formosos
unidas dançar ligeiras,
engrinaldadas as tranças
da alva flor das laranjeiras.

Mas não, não saiáis por ora;
¿qual de vós ha que se affoite
a descer do tronco ao valle
antes que seja alta noite?

Só vos juntais na floresta
quando o silencio é profundo,
quando um lume só não brilha,
nem véla um mortal no mundo.

Dos dias ao mais formoso
succede a noite mais bella;
¿por que não vens, minha Julia,
por que não vens gozar d'ella?

O rouxinol solitario,
este zéphyro cheiroso,
este murmurio das folhas,
d'este logar o repouso,

tudo parece chamar-te;
oh! se agora aqui viesses...
se da flor das laranjeiras
a alva fronte guarnecesses...

se em torno aos braços despidos
solto o cabello ondulasse...
se te encostasses a um tronco,
contemplando a lua em face...

até Zéphyro te havia
uma Driade julgar,
uma Driade, a mais bella
que houvesse n'este pomar.

Poderias ser tomada
pela rubra e casta Flora,
pela fagueira Pomona,
ou pela joven Aurora,

ou pela filha de Céres
no Etna colhendo flores,
ou pela mais linda Graça,
ou pela mãe dos amores.

Não; tu parecêras Julia.
Mas então este pomar
se tornaria do Elysio
o mais formoso logar.

A NOITE DO CEMITERIO

Un cemetière aux champs! Quel tableau! Quel trésor!

LEGOUVÉ

N'este logar solitario,
que faz mais saudosa a noite,
quero que ao mundo fugido
o meu coração se acoite.

Em quanto o silencio umbroso
envolve o nosso hemispherio,
venho sentar-me sósinho
da morte no ermo imperio.

¡Habitação dos espectros!
¡dos mortos fria morada!
¡jardim do perpetuo somno!
¡terra aos tumulos sagrada!

eu te saúdo tremendo;
e á sombra dos teus ciprestes,
de pacifica ternura
procuro instantes celestes.

A noite reina; já tudo
dorme na proxima aldeia;
a immensidade do espaço
se aclara c'o a lua cheia.

Soltos véos de etherea prata
fluctuando no horizonte
de quando em quando lhe encobrem
a saudosa, a bella fronte;

então se augmenta a tristeza,
as sombras se espessam mais,
suspiram auras e plantas,
redobra o môcho os seus ais.

Mas eis o vento que sopra;
eis de novo a luz accêza;
eis se ergue outra vez o pano
á scena da natureza.

Eis no tácito recinto
entrando de novo a luz;
outra vez entre os ciprestes
alveja a marmórea cruz.

Já na terra se descrevem
os vastos, fendidos muros;
já pelo chão se retratam
longos ciprestes escuros.

Emquanto aos esguios troncos
altos espectros se abraçam,
ou com mil fórmas terriveis
ante mim calados passam,

emquanto larvas aéreas
ao luar sentar-se vão,
além, de escalvados craneos
sobre terrivel montão;

n'estas hervas recostado,
n'este deserto profundo,
conversarei co'os finados,
filhos outr'ora do mundo.

Aqui onde ha pouco a terra
parece que foi volvida,
¿ que humano dorme? ¿ que humano
sahiu ha pouco da vida?

Em nome dos céos responde;
abre a terra; a pouco e pouco
te levanta; *a voz desprende*
do peito gelado e rouco.

¿ Quem és? não temo; declára:
avança, tudo aqui dorme.
Olha em tôrno, é tudo noite;
avança, phantasma enorme.

Vem-te assentar ao meu lado,
augmenta-me o meu terror;
¿ de tuas compridas roupas
que importa o medonho alvor?

¿ nem teu olhar agoireiro?
¿ nem teus vagarosos pés?
¿ nem tuas mãos descarnadas?
¿ nem a tua pallidez?

Mas que som se escuta ao longe!
os gallos cantam na aldeia;
¿os gallos? vai pois a noite
apenas correndo em meia.

E' n'esta hora que a morte
costuma as portas abrir,
e pelas fendas das campas
todos os mortos sahir.

¿Por que pois de mim te afastas,
phantasma? ¿por que te esváis?
deixou-me; sómente escuto
ao longe seus frouxos ais.

Tornou-se ao perpetuo leito,
dorme no seio do nada,
ante meus pés, n'esta terra
recentemente cavada.

¿Mas quem é?... Não, não me engano:
a ultima que aqui veio
foi tenra innocente virgem,
trança escura e branco seio.

Por pouco que a minha dextra
este terreno excavasse,
daria co'as mãos unidas,
tocaria a fria face.

Outr'ora nympha entre os homens,
outr'ora os passos movia,
era das festas a gloria,
dançava, cantava e ria;

de amadores lisonjeiros
vivia sempre cercada,
com descantes amorosos
era a noite acalentada.

Agora dorme esquecida,
agora já não é bella,
ninguem celebra o seu nome,
ninguem suspira por ella.

Nada conserva do mundo
além da c'roa de rosas,
além do virgineo ramo
que aperta entre as mãos formosas.

Tudo mais vai longe d'ella,
tudo mais lhe desertou;
¡quanto era buscada outr'ora!
¡agora quão só ficou!

O pensador solitario
vagando n'este logar,
lhe imprime o pé sobre a fronte,
e passa sem a saudar.

¡Os encantos, as virtudes,
a mocidade, a innocencia,
nada pois sobre esta terra
goza segura existencia!

Desde a humilde flor dos valles,
té ao cedro alto e frondoso,
desde o verme que rasteja,
té ao monarcha orgulhoso,

tudo nasce, e vive, e morre;
e dias de duração
são precedidos do nada,
do nada seguidos são.

Quaes em náo que sulca as ondas
mil viajantes reunidos
o mesmo porto demandam
diversamente entretidos;

este conversa, outro bebe,
este dorme, outro olha o mar,
qual joga, qual toca a flauta,
qual se diverte a cantar;

mas todos o mesmo vento
vai levando á mesma praia,
onde, um após outro, é força
que a multidão toda sáia;

taes nós corremos na vida
diversamente occupados.
O vento é um; eis o porto:
¡ esses tumulos gelados!

¡mas ao cançado viajante
quanto este porto é jocundo!
aqui não chega a violencia
das tempestades do mundo.

Aqui, as paixões se acabam;
aqui, perece a vaidade;
aqui, não entra a discordia;
aqui, não reina a maldade.

D'aqui vão longe os cuidados;
não soam chôro nem ais.
Reis ou pastores no mundo,
aqui são todos iguaes.

Mora entre os mudos ciprestes
a doce fraternidade,
a terna melancolia,
a voluptuosa saudade.

Tudo que é bello entre os homens
aqui recebe a impressão
de affectos tristes, mas doces,
bem doces ao coração.

Tudo que é bello entre os homens,
aqui é bello, mas triste;
todo o prazer n'este sitio
todo em lagrimas consiste.

Não é nos campos floridos,
é n'estes ermos, que a aurora,
em quanto os zephyros gemem,
dos ceos sobre a terra chora.

E' n'este sitio que as noites
geram graves pensamentos,
dictam verdades sublimes,
affrouxam nossos tormentos.

Inspira-se ar de ternura,
e de virtude, e de paz.
O coração, não sei como,
mais doce, melhor se faz.

D'estes logares olhados,
esses abysmos profundos,
esses oceanos celestes,
onde giram tantos mundos,

são maiores, mais brilhantes,
mais caros á phantasia;
o luar é mais suave,
que as lapidas allumia.

Vós, prados da primavera,
vós, jardins, não valeis mais,
que o musgo, as heras dos mortos,
e os ciprestes funeráes.

Tenham mil aves os bosques
aqui o mocho se aninha,
e n'estes muros se encontra
a cabana da andorinha.

Nos braços d'aquella Cruz
algumas tardes poisada
tenho ouvido suspirosa
rollinha desconsolada.

Tenho ouvido Philomella
aos longos éccos saudosos
mandar nas noites de Maio
seus trinos melodiosos.

Toda ao quieto retiro
se prende a minh'alma inteira:
Não, não: a terra dos mortos
não me é jamais estrangeira.

Mas já na visinha torre
do vasto sino a pancada
grita: da noite e da vida
mais uma hora é passada.

¡Que som profundo e solemne
os éccos levando vão
aos campos dos arredores
n'esta sombria lição!

Mais uma hora é passada,
repete o bosque defronte;
repete-o a collina, e corre
igual voz de monte a monte.

¡Mais uma hora é passada!
já falta uma hora menos
para que eu venha dormir
n'estes retiros serenos.

¡Como a existencia nos foge!
a morte, a morte caminha,
não se retarda um momento,
cada instante é mais visinha.

Ao tenebroso futuro
debalde os olhos alçamos,
para escutar os seus passos
nosso ouvido em vão fitamos;

corre calada e invisivel
ao longo da eternidade,
e imprevista, e de repente,
vai ferindo a humanidade.

¡Quem sabe se no principio,
se no fim meu fio está!
¡Se o tumulo em cans me espera,
ou se o golpe se ergue já!

¿Mas que importa? Ou curto, ou longo,
fiem-n'o as Parcas annosas;
é meu dever, longo ou curto,
il-o cingindo de rosas.

Ha-de levar menos flores,
se breve me for cortado;
mas nem por isso consinto
que seja menos ornado.

Em vão se compara a vida
ao globo d'espuma leve,
que um pouco gira nos ares,
e que o vento apaga em breve;

ao menos em quanto dura,
seja d'espuma brilhante,
reflicta os ceos azulados,
a planicie verdejante;

retrate jardins e fontes,
cabanas, grutas, e flores,
da luz embeba alternadas
as vivas, cambiantes cores.

¿São fugitivas as horas?
convem que ledas se passem,
gozando os puros prazeres,
que da virtude só nascem.

Se eu da magica sciencia
os segredos conhecesse,
se todo dos meus desejos
o meu destino pendesse,

no meio de algum deserto
aos homens inaccessivel
fundaria de repente
o meu retiro aprazivel.

Seria um valle fecundo
rodeado de arvoredo,
e no meio uma collina
que gozasse o sol mais cedo.

Pelas relvosas encostas,
ciprestes, cedros teria,
retiro sagrado á morte,
sagrado á melancolia.

As urnas dos meus amigos
sempre de ramos compostas,
sempre de pranto banhadas,
ali veria dispostas.

Ouvira cantar as aves,
balar as minhas ovelhas,
arrulhar as brancas pombas,
zumbir as aureas abelhas.

Uma cabana pequena,
sempre d'auras visitada,
no cimo do santo oiteiro
seria a minha morada.

Suas paredes vestindo
fragrantes roseiras bellas,
mandaram nuvens de aromas
pelas humildes janellas.

Na farta, mas simples mesa
nunca haviam de faltar
bom vinho em copos de barro,
bons fructos do meu pomar.

Eu seria o bom Philémon;
mas tendo Julia a meu lado,
seria mais que Philémon,
mais que Jove afortunado.

Formar-me-hiam da existencia
o p'riodo encantador
dias de paz e trabalho,
noites de sonhos e amor.

¡Amor!.. ¿Que voz o repete
ao longe triste e sombria,
e imprime a tão doce nome
solemne melancolia?

¡Oh! eco dos cemiterios!
¡Ah! perdoa o meu transporte;
perdoa se amor profiro,
devendo falar da morte.

DESEJO INUTIL

Hujus ero vivus, mortuus hujus ero.

PROPERCIO.

¡ Solitario !... ¿ Eu solitario
no meio da noite escura ?
não ; que os céos, e o ar, e o rio,
tudo me fala ternura.

O rio, que aos pés me corre,
vai depois juntar-se ao mar ;
do seu quarto ás vezes Julia
o Oceano costuma olhar.

Este vento de lá chega ;
talvez não haja uma hora
que passou pelo retiro,
que ali vio a encantadora ;

que lhe sahiu abrasado
por entre os labios de rosa,
ou convertido em suspiro,
ou n'uma phrase amorosa.

Esta lua, estas estrellas
nos céos d'ambos nós estão;
nossos astros, nossa lua,
nossos céos os mesmos são.

¡ Porém que distancia immensa!
natureza, impia madrasta,
dá-me azas, ou com teu rio,
com teu vento e ceo te afasta.

¡ Azas! azas como ao cisne!
quero arrojar-me aos seus lares.
¡ Azas tambem para Julia!
giremos ambos nos ares.

Acima do terreo globo,
libertos das leis dos povos,
de um mundo aereo habitantes,
gozemos destinos novos.

Sejamos aves; ¡ ah! Julia,
nossa vida correria
toda paz, toda innocencia,
toda amor, toda harmonia.

Se um menino te soubesse
com seus laços attrahir,
tu não irías sósinha
dentro na rede cahir.

Se um tiro me despenhasse
moribundo sobre a relva,
do mesmo tiro morreras,
morreras na mesma selva.

CONVITE PARA A FELICIDADE

O vitæ tuta facultas
Pauperis, angustique lares! o munera nondum
Intellecta Deum!...

LUCANO.

Ditoso, Julia, ditoso,
quem livre de inquietação
come os fructos que semeia,
e dorme no seu torrão;

que desconhece das côrtes
intriga, esp'rança, e receios,
que julga acabar-se o mundo
onde acabam seus passeios.

Penuria, e riqueza ignora,
dois escolhos da virtude,
e tira do seu trabalho
bens, prazer, vigor, saude.

De iguaes rodeado vive,
e só tem por superior,
seu Creador no outro mundo.
na parochia o seu pastor.

As aras jámais incensa
de Astréa, Minerva, ou Marte,
mas Baccho, e Pomona, e Céres
lhe riem de toda a parte.

Mais apertado não vive
na avita cabana herdada,
que o rico em salões d'estuque,
d'alta, soberba fachada.

Em vez de jardins estéreis,
faz consistir seu prazer
em lhe á porta verdejarem
as couves que fez nascer.

Dorme em colmo um somno inteiro,
em quanto em doirado leito
o nobre se volve, e geme,
de afflicções ralado o peito.

Ao lado lhe dorme a esposa,
fiel, innocente, e bella;
o filhinho, imagem sua,
dorme em paz ao seio d'ella.

Se ella lhe diz «eu te adoro,
«eu te amarei toda a vida»,
de ser verdade o que escuta
nem um momento duvida.

Sabe que a fé, que a virtude,
virtude pura, illibada,
dons mais bellos que a belleza,
são numes da sua amada.

Ella não vive no meio
de corrupta mocidade,
que adorna, envenena, empesta,
das côrtes a sociedade.

Não quer brilhar nos passeios,
nem de mil adoradores
vai disputar nos theatros
os suspiros e os louvores.

Passa a noite ao-pé do esposo,
entre os filhos passa o dia,
o trabalho a occupa sempre;
¿ser infiel poderia?

Da sua familia é toda,
n'ella concentra a affeição,
que as damas á intriga, ás festas,
ao jôgo, aos enfeites dão.

¿Quer-se ornar nos santos dias?
não se assenta ao toucador;
em vez de joias brilhantes,
procura singela flor.

Para arranjar seus cabellos
nem corre ao cristal da fonte;
não carece de outro espelho;
tem seu consorte defronte.

Elle lhe ensina a maneira
por que lhe ficam melhor;
elle lhe diz em que sitio,
e o como lhe ajusta a flor.

Se lhe agrada, está contente;
e vai de innocencia cheia
entrar com elle nas festas,
nas festas simples da aldeia.

¡Ah Julia! ¡Que sorte a de ambos!
sem longas philosophias
sabem melhor do que os sabios
disfructar serenos dias.

Os principios, os systemas,
sonhos de estéril vaidade,
jámais tornaram ditosa
a mesquinha humanidade.

Se existe o bem sobre a terra,
se queres, Julia, este bem,
uma aldeia... uma cabana...
ternura... innocencia... ¡Ah vem!

O AMOR PERFEITO

Le ciel n'est pas plus pur que le fond de mon coeur

RACINE.

Roxa florinha engraçada,
que tens o nome de amor,
que da mimosa ternura
és o emblema encantador,

¡ quão longe da tenra planta,
da tua extremosa mãe,
duro a ti, a mim propicio,
o fado trazer-te vem!

Orphãsinha abandonada,
não mais teu jardim verás,
co'as auras amigas tuas
a brincar não tornarás;

do clarão da argentea lua,
do pranto da madrugada,
do sol benigno, de tudo,
de tudo foste privada.

A formosa, a terna Julia,
(Venus minha, e tua Flora)
seus extremosos desvelos
não te dará como outr'ora.

Nunca mais verás seus olhos
fitar-se no seio teu;
para sempre estás banida,
longe de tudo que é seu.

Mas não: tu vives comigo,
e sempre assim viverás;
morando sobre o meu peito,
junto ao que é d'ella inda estás.

Não, não só junto ao que é d'ella;
tens maior satisfação,
porque ella vive aqui mesmo,
dentro no meu coração.

Desterrada innocentinha,
és tão feliz como bella;
junto d'ella te creaste,
e has-de morrer junto d'ella.

Bem que cinja a fronte ás Graças,
e a Venus, a Idalia rosa,
tanto te cede em ventura,
como te cede em formosa.

Linda flor, que no meu seio
vais ter continua morada,
amorosa mensageira
do affecto da minha amada,

quando a mão do tempo avaro
de todo te desfizer,
a tua gloria em meus versos
eterna farei viver.

A' sombra de Paphios mirtos,
entrelaçados com arte,
um tumulo pequenino
de alvo jaspe irei sagrar-te.

Sobre elle em urna apertada
teus restos esconderei,
e um choroso Cupidinho
a abraçal-a juntarei.

Para saber-se quem foste,
ha-de a minha gratidão
no monumento da morte
gravar saudosa inscripção:

COMO AQUELLES QUE EU SERVIA
RESPEITAM A FÉ JURADA,
POBRE FLOR EU VIM TRANQUILLA
DORMIR NO SEIO DO NADA.

O BARQUINHO DO LAGO ENCANTADO

Ah nimium volui! tantum patiatur amari!

OVIDIO.

Ha no meio de arvoredo
um valle todo encantado,
de flores sempre cheiroso,
de rouxinóes regalado.

Verdes montanhas o guardam,
cujos seios cavernosos
são habitados de noite
por longos eccos saudosos.

Arroios que ao longe nascem
de cascatas escumosas,
correndo á sombra de acacias,
por entre alfazema e rosas,

n'um lago vasto e profundo,
no meio d'este logar,
veem por diversos caminhos
immensas ondas juntar.

¡ Quanto é bello o ver de em tôrno
estas águas transparentes
sahir de opaco arvoredo
por mil arcadas frondentes!

D'este lago ermo e brilhante
no meio se eleva ufana
sobre uma ilha pequena
uma pequena cabana.

Cerradas murtas florídas
suas paredes vestindo
ao interior lhe estão sempre
doce aroma transmittindo.

O seu portico cingido
de eternos festões de rosas
dá sobre o pégo, e se pinta
n'estas águas buliçosas.

Corresponde-lhe outro ao fundo,
que off'rece risonha entrada
n'um jardimzinho pequeno,
terra ás Graças consagrada.

Assentos de viva rocha
a ilha toda rodeiam,
a hera e musgo os revestem,
as magnólias os sombreiam.

Todo verde e florescente
este logar entre lymphas
parece o ditoso albergue
que habitam do lago as Nymphas.

A cabana, o lago, o sitio,
sempre desertos estão;
¿seria o templo silvestre
dos Numes da solidão?

Nenhum mortal os visita
desde as idades guerreiras
dos cortezes paladinos,
das formosas feiticeiras.

Talvez que todo este sitio,
outr'ora fosse a morada,
onde vivesse escondida
alguma propicia fada;

mas hoje é só povoado
por aves, favonios, flores;
parece o Elysio sem manes,
ou Cythéra sem amores.

Uma tarde, eu só com Julia,
objecto dos meus suspiros,
fui o ditoso habitante
d'estes fagueiros retiros.

Ambos á porta sentados
do campestre ameno lar,
á porta que é sempre aberta
sobre este não vasto mar,

ao som das aguas movidas
por auras que esvoaçavam,
e com fremito suave
todo o cristal encrespavam,

conversavamos de amores,
e sem pejo nem temor
frases nuas de artificio
exprimiam nosso ardor.

Livres de ouvidos extranhos,
longe de vistas curiosas,
do coração nos sahiam
mil confissões amorosas.

Os sentimentos profundos
a que palavras faltavam,
por silencios, por suspiros,
por mil beijos, se explicavam.

Os mesmos votos já feitos,
mil vezes se repetiam,
e cada vez mais suaves,
mais novos nos pareciam.

De nossas almas em fogo
a reciproca attracção
nos lançava na mais viva,
mais violenta agitação.

Forcejavam por tocar-se,
por ver-se uma á outra unida,
confundir seus sentimentos,
seu ardor, essencia e vida.

Torrente, effusões de affectos,
a quinta-essencia do Ceo,
que por mil modos rompiam
e do seu peito e do meu,



PATEO DA CASA DO ARCO DE ALMEDINA, EM COIMBRA
(Na qual se escreveu grande parte d'este livro)

tudo era pouco, era nada;
os nossos votos mais ternos
só se encheriam, podendo
um no outro converter-nos.

¡Oh! ¡como as horas fugiam!
¡como o tempo se apressava!
¡como ante nós o universo
todo todo se annullava!

Foi-se a tarde; e só podémos
conhecer a ausencia sua,
quando co'os raios de prata
nos veio ferir a lua.

Esta luz esbranquiçada,
estes pallidos clarões,
inspiram n'alma saudosa
tranquillas, doces paixões.

«Julia, é noite, é noite,—exclamo—
«¡vê como a lua vai alta!
«¡vê como de argenteas luzes
«tremendo o pégo se esmalta!»

«Sim, é noite,—a bella torna;—
«¡como fugiu este sol!
«é tarde; escuta... ¿não ouves
«os cantos do rouxinol?

«Olha, é do bosque na margem
«que se eleva a sua voz;
«parece que a amada chama;
«é menos feliz que nós.

«A lagôa está serena.
«o ceo puro, o ar calmoso,
«as selvas dos arredores
«no mais tranquillo repouso;

«¿Viajemos?» «Viajemos,»
lhe respondo. Ambos entrámos
n'uma barquinha, que prêsa
estava á porta, e viajámos.

Viração quasi insensivel
nos levava a seu sabor;
dir se-hia que em tôrno a Chypre
navegava a Mãe de Amor.

A's vezes da ilha em roda,
ás vezes das margens perto,
ás vezes nas largas águas
vogava o barquinho incerto.

Sem direcção sôbre o lago
que a lua em tôrno allumia,
das ondas que veem tocal-o
os movimentos seguia.

Passar nos fazia agora
á sombra de selva antiga,
onde proxima soava
do rouxinol a cantiga;

ora a lua nos olhava,
ora travêssa fugia,
ou por traz dos arvoredos
como brincando sorria;

depois com mais brilho e pompa
se tornava a levantar;
defronte de um écco ás vezes
passavamos a cantar;

logo um valle apparecia,
e nos enviava o mimo
do perfume das violetas,
da mangerona, e do thimo.

Fronte de cedros coroada
depois erguia um oiteiro,
e co'a sombra de um só ramo
nos tingia o barco inteiro.

¡D'esta paz, d'este silencio,
d'estas scenas o valor,
quanto é grande a um par que os goza,
e fala, e goza de amor!

De amor falavamos sempre,
e sempre, e a qualquer objecto
novos discursos nasciam,
motivos novos de affecto.

Ia a noite em mais de meia;
«Já vou de abraços cançada;
«quero dormir», — diz sorrindo
a minha nympha adorada.

Cortam-se ramos na margem,
e logo os cortados ramos
a formar um brando leito
no barquinho accumulâmos.

Mollemente se reclina,
no alvo braço encosta a fronte,
corre com placida vista
o illuminado horizonte;

suspira e guarda o silencio;
pouco a pouco os olhos fecha,
ou finge que dorme, ou antes,
do somno vencer-se deixa.

«¿Dormes? ¿dormes? —lhe pergunto
com voz medrosa e sumida;—
«¿repoisas?.. em paz repoisa,
«encanto da minha vida.

«Calae-vos, auras; vós, plantas,
«murmurae com som mais baixo;
«barquinho, não mais te agites;
«Diana, enfraquece o faxo.

«Filhos de amor e da noite,
«ligeiros sonhos, voae,
«e o que se passa em minh'alma,
«á sua alma apresentae;

«fazei-lhe ver meus desejos
«tão longo tempo escondidos;
«fazei que em seu casto peito
«sejam tambem accendidos;

«uma vez... ao menos uma,
«por vós a innocencia bella
«sonhe comigo as doçuras
«que eu sonho sempre com ella.»

Eu dizia, e suspirava,
depois pensava um momento,
depois arder me-sentia
em fogo ainda mais violento.

Aproximava-me um pouco;
chegava-lhe a dextra minha;
depois immovel ficava;
não sei que deus me retinha.

Ia acordal-a com beijos,
ia tornar-me ditoso,
ia... e timido, e prudente,
respeitava o seu repouso.

Aura leve agita e move
o sôlto cabello seu;
descobre-lhe o niveo seio,
e faz-lhe esvoaçar o veo.

A lua lhe fere o rosto,
e a veste nevada e pura;
geme.... sonha... ¿acaso sonha,
geme acaso de ternura?

«Julia, acorda, acorda, — exclamo —
«não sonhes fingido amor;
«é noite, no ermo estamos,
«vê teu ardente amador».

Ella abre os olhos sorrindo,
depois os torna a fechar,
nada responde, suspira,
parece não me escutar.

Eu me queimava calado
sem nada lhe ousar dizer;
o barquinho que a embalava
a tornava a adormecer.

Chegámos de um bosque á sombra;
o barco parou suspenso;
de escura noite nos cobre
frondeo toldo, espesso, immenso.

«Bem,—digo eu;—n'este arvoredo
«a lua não póde ver-nos;
«salve, amiga escuridade,
«mãe dos favores mais ternos!

«Philomella que além sólta
«o brilhante canto seu,
«de amor celebra os triumphos,
«os prazeres de hymeneu.

«Toda é minha!... é meu tudo isto!...»
digo, e louco, e delirante
procuro arrancar ao somno
a minha formosa amante.

Mas em vão trabalho e lido;
debalde a faço agitar;
ou não acorda, ou travêssa
se finge dormindo estar.

¿Quem poderá de tal scena
prevêr o termo funesto?
prazeres pintado tenho,
mal posso pintar o resto.

De dor, não sei como o conte!
toda a celeste visão
não era mais do que um sonho;
despertei na solidão.

Estava só no meu leito,
mui longe da minh'amada;
ella tambem dormiria,
pois mal vinha a madrugada.

A MASCARADA

> Tutto spiegar non oso,
> Tutto non sò tacer.
>
> METASTASIO.

Venceram-me instancias tuas,
meu terno, meu caro amigo;
saio da minha ermitagem,
ao mundo volto comtigo.

Adeus, mas por poucas horas,
solitarias laranjeiras,
de meus passeios abrigo,
de meus dias companheiras;

voltarei depressa a ver-vos,
a achar a minha saudade,
meu amor, meus pensamentos,
entre a vossa sociedade.

¡ Eis vastos salões pomposos
de oiro e seda ataviados!
¡ eis jardins rasgando a noite
vastamente illuminados!

¡Que immensa turba os povôa
trajada com ar de festa!
a musica alegre sôa,
um baile geral se apresta.

¡Que novo prodigio é este!
¿deliro?... ¡Este sitio encerra
os seculos, os paizes,
os cultos de toda a terra!

Eis o queimado Africano,
que além da equorea extensão
fertiliza com seu sangue
a terra da escravidão.

Eis da frigida Laponia
o pequeno morador,
que illude, trajando pelles,
dos invernos o rigor.

O Turco, senhor e escravo,
co'o turbante e marcha ufana,
fuma em comprido cachimbo
a sêca folha da Havana.

Baço Chim de olhos pequenos
vem, com seu leque na mão,
entre a formosa Minerva
e o soberbo Tamerlão.

Amazona bellicosa,
de aljava pendente ao lado,
aponta com o arco invicto
o lindo peito cortado.

Passam Náiades, pastores,
bellas Nymphas da espessura,
e Diana, a caçadora,
e Venus d'aurea cintura.

Um serio milord britanno
corre a encontrar as deidades,
e expõe-lhe, em vez de ternuras,
politicas novidades.

Um *polido*, um *petit-maître,*
ri pintando os seus tormentos,
segue a sultana do Cairo,
e a cança de comprimentos;

depois faz a côrte a Flora,
de uma Nympha aos pés suspira,
beija a mão da Viscondessa,
zomba d'ella com Themira,

diz um segredo a Climene,
e *doces bilhetes* vai
mostrar á amada de Orlando,
á Princeza do Catai.

Roto e pallido um poeta
pede mote a uma vestal,
que o despede e abaixa os olhos
com modestia virginal.

Eis o bravo Dom Quixote.
Eis um Galeno profundo,
que vai varrendo co'a penna
a superficie do mundo.

Eis um Cujacio; um mendigo;
um alcaide; um novellista;
um Italiano que vende
bons pós de aclarar a vista;

mathematico sublime
n'um vidro mettendo o céo,
e explicando altos misterios
do *apogeo* e *perigeo.*

Um philosopho argumenta;
judeu experto e importuno
vende uns oculos a Jove,
e falsos coraes a Juno.

¿Que novo prodigio é este?
¿deliro?... Este sitio encerra
as profissões, as loucuras,
as crenças de toda a terra.

Vai dar-se principio ao baile;
quê, meu amigo, ¿é verdade
que entre esta chusma de loucos
se encontre a tua deidade?

¿Mas como has-de conhecel-a?
tudo aqui jaz confundido
pela mascara impostora,
por trajo e falar fingido.

Aqui se encontra em resumo
o que vai na sociedade;
descobrem-se as apparencias,
para esconder-se a verdade.

¿Como has-de pois conhecel-a?
¿Vem disfarçada em Pastora?
¿será talvez essa Nympha?
¿ou Venus? ¿ou Cynthia? ¿ou Flora?

em vão consultas a todas;
procuras, mas sempre em vão;
illudem-te horrivelmente
o instincto do coração.

Essa vestal pudibunda...
não é este o seu andar;
esta amazona... é mui alta,
e mui diff'rente o seu ar;

esta joven Italiana,
que tanta vez te procura,
é mui baixa; esta Hespanhola,
tem nimia desenvoltura.

¿Mas que busca este Silvano
que te persegue teimoso,
affecta um falar grosseiro,
caminha com passo airoso?

Escuta-lhe o seu segredo...
¡que voz doce! ¡ah! foge, foge,
vai conversar com Silvano,
e deixa as deusas por hoje.

Adeus, tumultuosas salas,
adeus, jardins estrondosos,
eu não tenho a quem procure
em vossos grupos vistosos.

A minha Julia não entra
n'estes logares fataes;
se aqui a visse um momento,
não quizera vel-a mais.

¡Ah! voltemos a encontral-a,
(ao menos a imagem sua)
entre vós, arvores minhas,
ante os teus raïos, ó lua.

A ERMITAGEM DA MONTANHA

> Pur mi consola che languir per lei
> Meglio é che gioir d'altra.
>
> PETRARCA

Fortuna, escuta os meus rogos,
torna em verdades meus sonhos,
ambiciosos, mas simples,
austeros, porém risonhos.

O que te peço é bem pouco;
mas se este pouco me dás,
nunca mais uma só queixa,
nem um rogo me ouvirás.

Altas montanhas desertas
n'essa deserta paragem,
visinhas do ermo d'ella,
me acolham n'uma ermitagem.

Seja caverna espaçosa
no seio de alto rochedo,
vestido de musgo e silvas,
e coroado de arvoredo.

Pelles me sirvam de leito,
dê-me água visinha fonte,
m·u sustento em fructos e hervas
liberal me off'reça o monte.

Grosseira lan me revista,
more comigo a innocencia,
reine o silencio na gruta,
corra em paz minha existencia.

Voz humana jámais sôe
em meu asylo selvagem,
oiçam-se os ventos e as águas
e o sussurro da folhagem.

Oiçam-se as pombas sem dono
rolar na matta visinha,
zumbir no silvado a abelha,
cantar-me á porta a andorinha.

Branca vacca ande no monte,
que ao sol pôsto á cóva traga
o seu leite de presente
á mão que fiel a affaga.

¡Oh destino afortunado!
¿é possivel?... ¿n'um deserto?..
¿tão longe de todo o mundo?
¿da minha Julia tão perto?

¡Ah! gosemos d'esta imagem;
nutramos o coração;
¡tenho pois ao-pé de Julia
minha humilde habitação!

Ella a conhece de longe,
e se não vê meu rochedo,
vê meu lume toda a noite,
de dia o meu arvoredo.

¿Que palacio do Oriente
eguala a escura caverna
de uma montanha, onde os olhos
vagam da amante mais terna?

Apenas do leito salta,
ainda meio despida
corre á janella, e contente
saúda a remota ermida.

Passa o dia trabalhando
sempre em logar d'onde a veja,
olha-a quando um raio extremo
do occaso o sol lhe dardeja;

e quando a tinta da noite
vem o universo alagar,
inda á janella sentada
encara o mesmo logar.

Se o rouxinol canta ao longe,
assim se exprime comsigo:
«¿Onde canta esta avesinha?
«¿será junto ao meu amigo?»

Se vê renascer meu lume,
diz saudosa: «A mão que eu amo
«agora n'aquelles montes
«poz no fogo um novo ramo.»

Se alta noite o vê mais frouxo,
se o vê de todo extinguir,
diz: «N'um leito solitario,
«pobre ermita, vais dormir.»

Branqueja a manhan celeste;
por diante da vidraça
madrugadora andorinha
cantando fugaz lhe passa.

«Bons dias, bella andorinha,
«¿vens tu dos montes d'além?
«¿dorme acaso, ou vens trazer-me
«a saudação do meu bem?

«¿Inda ficava deitado
«no momento em que sahíste?
«dize-lhe, quando voltares,
«que eu te falei, que me viste.

Ao florir da primavera
no meu asylo campestre,
levarei á minha Julia
a primeira flôr silvestre.

Levar-lhe-hei no sêco estio
águas, que o frio invernal
tiver no seio das rochas
mudado em puro cristal.

No outono os fructos silvestres,
os mais doces e os melhores;
no inverno meus bons desejos,
meus versos e os meus amores.

¡Ah! no inverno... quantas vezes
durante as noites sombrias
ha-de passar á janella
as horas longas e frias!

O rijo vento das serras,
mugindo, negro, alagado,
lhe açoitará co'os cabellos
o lindo collo gelado.

A véla ao tufão se apaga;
fica em trévas o aposento;
Julia soffre... ¡ah! ¡que doçura
acho no seu soffrimento!

E' por mim que ella padece,
que ella affronta a tempestade,
co'o peito encostado á pedra,
o semblante unido á grade.

¡Tigre! ¡que barbaro gosto!
¡que horrendo amor! ¡que delirio!
¡é só porque Julia te ama,
que folgas co'o seu martirio!

Lê, lê antes em sua alma;
¿não sabes n'este momento,
quaes seus unicos desejos?
¿seu continuo pensamento?

«¡Como a noite vai medonha!
«¡a chuva se precipita!
«¡rola o trovão! ¡brilha o raio!
«¡quem ha-de salvar o ermita!

«Não vejo a sua fogueira;
«uma caverna selvagem...
«este frio... ¡ah pobre amigo!
«¿por que estás só na ermitagem?

«Se eu podesse ir ter comtigo,
«voaria sem receio;
«tuas mãos estão geladas,
«aquecêra-as em meu seio;

«dar-te-hia dos meus vestidos,
«accenderia a fogueira,
«e ficariamos juntos
«conversando a noite inteira.

«¿Não oiço ao longe latidos?
«sim; é talvez o seu cão;
«os lobos giram na serra
«pelo horror da escuridão.

«¡Já bateram duas horas!
«¡que flauta doce e queixosa
«sôa aos muros do mosteiro
«n'esta noite procellosa!

«Um relampago diurno
«tingiu instantaneo o céo;
«vi um homem, não me engano,
«era escuro o manto seu.

«¡Um homem... ás duas horas...
«parado... e n'este logar,
«quando toda a natureza
«se parece anniquilar!

«o seu ar mysterioso...
«sua longa roupa escura...
«n'um deserto... ¿alguns phantasmas
«não sáhem da sepultura?!

«o raio cai na montanha,
«enche os ceos clarão brilhante,
«reconheço á luz terrivel,
«é este, o meu terno amante.

«Sem temor ao frio, á neve,
«á chuva, aos trovões, aos ventos,
«quiz vir juntar aos meus sonhos
«da flauta os meigos accentos.»

Sim, Julia, querida Julia;
¡ah! ¡podesse o meu amor
dar-te da sua violencia
uma prova inda maior!

atravessar por desertos
a extensão da immensidade;
passar mil seculos juntos
no meio da tempestade;

fender todo inteiro a nado
de fogo um mar infinito;
«Julia, eu te amo, eu te amo, ó Julia,»
ninguem me ouvira outro grito.

O SAN JOÃO

S' assied, croise les bras, baisse la tête, et pleure.

DELILLE.

¡Que alegria a d'esta noite!
¡que noite doce e calmosa!
esta do anno a mais curta,
é do anno a mais formosa.

Do San João as cantigas,
e as bellas danças ligeiras,
da aldeia os filhos e as filhas
reunem junto ás fogueiras.

Eu, que não tenho pastora,
eu, que não amo na aldeia,
¿por que haviam demorar-me
os sons de uma festa alheia?

Nos porticos d'esta selva,
á borda da erma estrada,
¡oh! recebe-me em teu seio,
saudosa noite encantada.

Debaixo d'este carvalho
no chão que a verdura veste,
¡ que estofado assento encontro!
¡ que docel soberbo e agreste!

As estrellas me scintillam
por entre a espessa folhagem;
no ar tépido e amoroso
não bole nem leve aragem.

Atravez dos arvoredos,
no ceo de mil povoações,
derramam-se, afrouxam, crescem,
das fogueiras os clarões.

O mesmo por toda a parte;
de festa igualmente cheias
as mais soberbas cidades,
as mais pequenas aldeias.

A fogueira envia aos lares
torrentes de claridade;
ninguem fica em seu albergue
n'uma frouxa ociosidade.

Inquietos moços giram,
e com palmas e alaridos
vôam saltando entre as chammas
cada vez mais atrevidos.

Riem contentes os velhos;
a flauta, a viola sôa;
rebenta a bomba estrondosa,
o foguete aos ares vôa.

No passeio os ranchos vagam;
alva turba ao longe nada
dos rios na veia doce,
do mar na extensão salgada.

Um, cresta azul alcachofra,
que os matutinos humores
vão tornar de flor inculta
em prophetisa de amores;

para saber sua sorte,
outro entorna, em cristal puro,
ovo, em que a mão do destino
de noite estampa o futuro;

em duas urnas de vidro
qual derrama n'agua aos centos
nomes de bellas e moços,
para formar casamentos;

qual com o bochecho na bocca
applicando attento ouvido,
espera que á meia noite
seja um nome proferido;

qual no monte as plantas colhe
n'esta noite abençoadas;
um, vai buscar agua santa;
outro, espera as orvalhadas.

¡Que alegria a d'esta noite!
¡que noite doce e calmosa!
¡eis a mais curta das noites,
das noites a mais formosa!

Atravez dos arvoredos,
no céo de mil povoações
derramam-se, afrouxam, crescem
das fogueiras os clarões.

Pelo ermo, sidéreo espaço
minha alma saudosa gira;
a festa de todo o mundo
int'resse nenhum lhe inspira.

Eis scintilla entre desertos
um lume brilhante e forte;
ella o vê, triumpha, e vôa;
esta luz marcou seu norte.

¡Eis o sitio conhecido!
¡Eis o retiro piedoso!
de um lado, as altas montanhas;
do outro lado, o mar undoso;

no meio, o mosteiro antigo...
¡salve, soberbo zimborio,
nobres torres, templo augusto,
pacifico dormitorio!

E vós, primeiro que tudo,
muralhas que o musgo veste,
barreira eterna e invencivel
d'esta morada celeste.

¡Que immenso clarão se estampa
sobre estas nocturnas massas,
tinge a cúpola, e scintilla
nas mais erguidas vidraças!

¡Que alegria sôlta em vozes
acorda e fatiga os eccos!
arde o pinheiro gigante,
estalam seus ramos sêccos.

Partem milhões de scentelhas
ao céo dirigindo o rumo;
parece um vulcão aéreo
envolto de espesso fumo.

Centos de virgens o cércam;
os porticos venerandos
pasmam de vêr os seus bailes,
de escutar seus versos brandos,

de sua viva alegria,
de sua expressão de amor,
á meia noite, na estancia
da mudez e do terror.

Estas plantas tão ligeiras,
das danças no movimento,
calcam nomes meio gastos
nas campas do pavimento.

Das santas irmans já mortas
giram sobre as cinzas frias;
e um surdo trovão lhes formam
nas cavidades sombrias.

Esta abobada que alegram
mil cantigas namoradas,
só conhecia da morte
as despedidas sagradas.

Folgae esta noite ao menos,
piedosas filhas celestes;
mas ¡que tristes são as rosas
que nascem junto aos ciprestes!

Inda em pé brilha o pinheiro
de lavaredas toucado;
prolongae vossa alegria,
té que baqueie abrasado.

Então que os astros se afrouxam
e alvo o dia entra a raiar,
voareis aos rociados
fructos do vosso pomar.

Ali achareis aquella,
que, triste, e pensando em mim,
longe de vós toda a noite
vagou no vosso jardim;

vós a vereis d'entre os fructos
andar colhendo os mais bellos;
os abrunhos côr de cera;
os damascos amarellos;

os figos de rota casca;
a ginja; as peras melhores;
e as sumarentas amoras,
que teem o nome de amores.

Vós a vereis n'um cestinho
arranjar co'a mão formosa
estas fructas, entre ramas
de loiro e murta cheirosa.

¿Para quem destina Julia
este mimo rico e ledo?
podeis pensar toda a vida,
não dareis com o seu segredo.

Aquelle a que é destinado
não lh'o póde receber;
ella o sabe, e nem por isso
deixou de lh'as ir colher.

Ê um brinde imaginario...
¿mas vós rides? ¡desditosas!
desconheceis as suaves
superstições amorosas.

AS DUAS PALMEIRAS

> Arrêtez-vous ici, coeurs tendres,
> Mortels indifférents, passez.
>
> MILLEVOYE.

Soberba filha do Ganges,
rainha da selva inteira,
abriga-me á sombra tua,
frondosa, excelsa palmeira.

Por teus densos longos ramos
não deixes o sol passar;
mas das auras as caricias
faze ao meu rosto chegar.

Solitario em meu passeio
ia sentindo a fadiga;
eis tu me chamas do bosque,
eis tua sombra me abriga.

Eu me sento n'esta rocha,
que, visinha ao tronco teu,
de antigo musgo vestida
no retiro envelheceu.

Aqui respiro a ternura,
porque a paz e a solidão
e os quadros da natureza,
falam doce ao coração.

O teu cume, que domina
n'este deserto profundo,
não vê por todo elle agora
outro habitante do mundo.

Só de remota cascata
se ouve o sombrio rumor,
e não sei se ao longe escuto
o canto de algum pastor.

Rôla fiel e amorosa
entre os ramos teus suspira;
¡que ave celeste! ¡que doce
melancolia me inspira!

Eu sinto que n'este sitio
passaria a vida inteira;
abriga-me á sombra tua,
frondosa, excelsa palmeira.

Sósinhos estamos ambos
n'este retiro jocundo:
tu, longe das mais palmeiras,
eu, livre de todo o mundo.

Conversemos se te agrada,
conversemos bem de perto,
como dois homens perdidos
que se encontram no deserto.

Quão longe nascer vieste,
encantadora estrangeira,
soberba filha do Ganges,
rainha da selva inteira!

Os teus céos, teu ar, teus campos,
não são estes, outros são;
as tuas irmans lá vivem
n'essa feliz região.

Em caladas longas selvas
dispostas extensamente,
se espelham no claro Ganges,
cobrem do Indo a corrente;

diversas aves lhes poisam,
outras auras as meneiam,
outros humanos as gozam,
outras flores as rodeiam;

novo azul celeste as nutre,
e nuvens talvez mais bellas;
gozam de um dia diverso,
teem de noite outras estrellas.

Pelos seios africanos
os teus bosques derramados
defendem do sol ardente
os povos do sol queimados.

Com fresca abobada occultam
no retiro das florestas
suas cabanas e deuses,
trabalhos, amor, e festas.

Liberaes lhe off'recem tudo:
nos fructos a nutrição,
o prazer no grato vinho,
nas folhas a habitação.

Tu, entretanto afastada,
gemes em terra estrangeira,
soberba filha do Ganges,
frondosa, excelsa palmeira.

Aqui ninguem te procura,
ninguem vem ao teu abrigo
recordações de ternura
em paz revolver comtigo.

Passam de longe sem ver-te,
ou vendo-te sem buscar-te;
ninguem vôa a estar comtigo,
como eu fiz para gozar-te.

Mas dize-me, ó bella planta,
se é verdade o que se diz;
se o amor tambem fere as plantas;
¿ tu sósinha, és tu feliz?

Aqui se encontram ciprestes,
mirtos, cedros e aveleiras;
todos de amor aqui gemem,
mas aqui não ha palmeiras.

¿ Vives tu pois condemnada
a consumir na tristeza
longa existencia, perdida
aos olhos da Natureza?

¿Murchar-se-hão as flores tuas
sem dar o fructo esperado?
Quando algum pastor ao longe
á tarde levando o gado,

dér com os olhos no teu cume,
que erguido e curvo nos ares
retem os ultimos raios
do sol, que já desce aos mares;

quando, parando um momento,
e co'o cajado apontando,
te mostrar á pastorinha
que ao lado lhe vai fiando,

«Eis a arvore das palmas!
«eil-a ali, — dirá com dor, —
«como não tem um marido,
«não tem mais que estéril flor!

«Nasceu no meio do valle;
«a vêl-a não vai ninguem;
«não int'ressa aos passageiros;
«¿sabes porquê? não é mãe.»

¡Mas, que prazer! ¡que surpreza!
eis de alma doçura cheio
um dos teus fructos, que o vento
te furtou, me cai no seio.

Tu gozas pois da ternura,
tu suspiras co'os amores,
¡eis-te mãe! não se perderam
tuas graças, tuas flores.

¿Mas teu esposo onde habita?
longe, mui longe por certo;
da tua especie outra planta
não vive n'este deserto.

¿Longe, mui longe? ¿que importa,
se, qual suspiras, suspira?
¿se te conduz seus afagos
favonio que incerto gira?

A natureza benigna,
a vós, ó plantas, o é mais;
a ausencia nada vos custa,
na ausencia tambem gozais.

No meio das tempestades,
quando sôlto, irado vento
varre a terra, açoita os bosques,
turba o mar e o firmamento,

em quanto o universo enluctam
tristeza, susto e pavor,
vós, afastadas palmeiras,
então conversais de amor.

Os ventos vos communicam,
e ao som do trovão no céo,
dos relampagos á luz
baixa entre vós o hymenêu.

¡Ah! ¡quanto invejo os teus fados!
eu longe d'aquella que amo
suspiro, sem que ella o sinta,
sem que ella o veja, me inflammo.

Nem um só dia, uma hora,
nem um, nem um só momento,
da sua imagem querida
se me afasta o pensamento.

Longa, contínua saudade,
ora doce, ora cruel,
opprime co'a mão de fogo
o meu coração fiel.

¿Que farei? ¿N'esta amargura
consumir a vida inteira?
inspira-me, por piedade,
frondosa, excelsa palmeira.

¡Oh! sim; teu murmurio entendo;
o teu murmurio me diz,
que debalde em sua ausencia
trabalho por ser feliz;

que de illusões de ternura
só me devo sustentar,
que esta sombra, que esta rocha,
que este valle as sabem dar.

Eu abraço o teu conselho;
e esta mão de agradecida
vai gravar-te o lindo nome
da minha doce Querida.

Serás chamada entre os homens,
nos seculos mais distantes,
a Amiga do Vate ausente,
a Palmeira dos Amantes.

Phebo aqui me verá sempre,
aqui sempre a clara lua;
formosa filha do Ganges,
abriga-me á sombra tua.

Vou ser teu de hoje em diante,
frondosa, excelsa palmeira,
do Ganges amavel filha,
rainha da selva inteira.

UMA NOITE DO ESTIO

Undique surgunt ex te deliciæ!

GALLO.

Salve, ó noite socegada,
fagueira noite do estio;
¡ quanto és bella entre estes cedros,
sobre a margem d'este rio!

N'estas aguas, que murmuram,
se reflectem tremulantes
de teus céos os numerosos,
os estrellados diamantes.

D'entre as sombras do oriente
vem crescendo incerta aurora,
lá rompem raios de prata...
a lua lá nasce agora.

Côr de pérola derrama
sobre os campos seu clarão;
melancolica ternura
me embriaga o coração.

Correi, lagrimas suaves,
correi, lagrimas, em fio;
¡salve, ó lua, salve, ó noite,
fagueira noite do estio!

O teu ar sombrio e puro,
amoroso e perfumado,
este silencio, que envolve
rio e monte, e bosque e prado,

estas auras, este leve
rumor, que de quando em quando
se ouve apenas pela relva
e pelas folhas girando,

tudo convida á ternura,
tudo alimenta a saudade.
Agora o velho suspira
os tempos da mocidade.

De sua cabana á porta,
sentado entre os filhos seus,
os olhos fita na esposa,
e da esposa os volve aos céos.

Lembram-lhe os tempos antigos.
os seus antigos cuidados,
e os logares por mil bellas
recordações consagrados.

Veem-lhe á mente os seus amores,
suas noites não dormidas,
e as juras nascidas d'alma,
e dentro n'alma acolhidas,

e a hora d'oiro e solemne,
que inda o faz reverdecer,
em que amor lhe franqueára
todo o arcano do prazer.

Tu da tenra mocidade,
bem como a aurora abre as flores,
abres, ó noite do estio,
o coração aos amores.

Tu dás lagrimas á virgem,
cuja alma innocente e pura
é já da ternura escrava,
sem saber o que é ternura.

Tu lhe imprimes no semblante
languidez e turbação;
tu lhe arrancas os primeiros
suspiros do coração.

Tu lhe pões em torno ao leito,
com mil fórmas graciosas,
os sonhos que veem de Paphos
engrinaldados de rosas.

Por ti o mancebo ingenuo,
de virgineo imberbe rosto,
nos loucos jogos da infancia
principia a achar desgosto.

Do seu estado se indigna,
nem bem sabe o que deseja,
dos amantes, dos esposos,
de todos, a sorte inveja.

Dentro n'alma a natureza
lhe principia a falar;
seu coração lhe adivinha
uma lei que obriga a amar.

Os seus iguaes lhe aborrecem,
já procura a soledade,
chora entrevendo mysterios
negados á sua edade.

Secreto fogo o devora,
que em mil suspiros se exhala;
ou emmudece co'as bellas,
ou córa quando lhes fala.

Escravo do amavel sexo
por toda a parte o procura;
a dança, o falar, o canto,
tudo o lança na loucura.

Candidos braços despidos,
alvo e nú formoso seio,
lhe accendem fogo e desejos,
prazer, ciume, e receio.

«Eu te amo» repete a todas;
e esta doce confissão,
até sem que elle o pressinta,
lhe escapa do coração.

Fagueira noite do estio,
é tua paz, tua calma,
quem primeiro estes desejos
no mancebo esperta n'alma.

Noite amorosa do estio,
tua doce escuridade
derrama por toda a terra
amor, prazer, e saudade.

Pelas ruas, pelas praças
toda a cidade vagueia,
cobre os cáes, ou sulca as ondas
que a branca lua prateia.

Ouvem-se os cantos ao longe,
ao longe as flautas soar;
quem nunca amou, ame agora,
quem amou, torne hoje a amar.

Amor nasceu esta noite,
esta noite é toda sua;
para elle entre as estrellas
de alva luz se adorna a lua.

E' por elle que estes cedros
mansamente aqui suspiram,
por elle as águas murmuram,
por elle os favonios giram.

Por elle os ares povoam
as tepidas virações,
e reina a melancolia
que enfeitiça os corações.

O' filho da Cypria deusa,
foi o teu facho invisivel
nas solidões, ante a lua,
do estio em noite aprazivel,

quem fez outr'ora que os vates
vissem as Nymphas das fontes,
as Dryades das florestas,
as Oréades dos montes.

Como o que em torno faltava
o coração lhes pedia,
abriram sobre os desertos
os cofres da phantasia;

quaes brotam co'a primavera
n'um jardim mil várias flores,
quaes de longe ás selvas tornam
os emplumados cantores,

taes á voz, á voz sagrada
do enthusiasmo omnipotente,
virginea, adoravel turba
veio ás selvas de repente.

Regatos, bosques e grutas,
não foram mais solidão;
off'receu qualquer retiro
delicias ao coração.

Salve, ó noite amiga ao genio,
noite amorosa do estio,
quanto és bella entre estes cedros,
sobre a margem d'este rio!

Se podesse o teu reinado
no universo eterno ser,
se nunca mais do oriente
tornasse o dia a romper,

se esta doce escuridade,
se este estado encantador
de não sei que interno gosto
e melancolico amor,

¡ah! se estas horas durassem,
sem nunca, nunca findar,
¡n'este mundo de chimeras
quão bello fôra habitar!

Mas logo a brilhaute lua,
correndo o ceo brandamente,
irá do extremo horizonte
arrojar-se no occidente.

As estrellas em cardumes
silenciosas vão passando,
ir se-hão no celeste oceano
á nova luz desmaiando.

O clarão da madrugada
virá despertar bem cedo
as auras, as virgens flores,
e as aves d'este arvoredo.

Deus de amor,vem por piedade
no meio d'esta floresta
doirar-me com teus delirios
o pouco que á noite resta.

Da minha Julia falemos:
¿a minha Julia que faz?
¿repoisa n'este momento?
¿goza do somno e da paz?

¿O luar pela janella
entrando-lhe no aposento
de candidos ternos sonhos
povôa-lhe o pensamento?

¿sonha? ¿sonha? ¿e por ventura
em sonhos algum instante
pensa ouvir, suppõe que abraça
o seu desvelado amante?

¿Vê por ventura sonhando
estas lagrimas que chóro?
¿ouve os suspiros que exhalo?
¿conhece o mal que devoro?

Deus de amor, ¡ah! corre, voa,
voa, e em quanto aqui suspiro,
transpõe a distancia enorme,
chega ao placido retiro;

no solitario deserto
busca a ditosa morada,
onde, entre as virgens que dormem,
dorme agora a minha amada.

Sem fazer rumor co'as azas
entra no albergue ditoso,
chega ao leito, ordena aos sonhos
que me façam venturoso,

que lhe apresentem n'um campo,
em bella noite de estio
esta paz, este silencio,
e bosque, e luar, e rio.

Que de albergue humilde e grato
a representem na entrada,
junto d'aquelle que a adora,
sobre murtas assentada.

Eu tornado o seu consorte...
Deus de amor, ouve-me bem,
(pelos teus fachos t'o peço,
t'o peço por tua mãe.)

Eu de amador extremoso
tornado já seu consorte...
lhe beije as faces e a bocca
no mais férvido transporte;

torne a beijal-a cem vezes,
ella me busque afastar,
e ceda emfim aos meus rogos
por já não poder luctar.

Deus de amor, ¡ah! corre, voa,
leva ao thóro virginal
estas scenas encantadas,
este sonho divinal.

E se ella já minha um dia,
rindo e córando me diz,
que tu lhe levaste ao leito
este sonho aureo e feliz,

tres aras erguer prometto:
uma, á Noite socegada,
a outra, ao Filho de Venus,
a terceira... á minha Amada.

AMOR E MELANCOLIA

PARTE II

O TRAVESSEIRO

> .... Oh luce magis dilecta sorori,
> Solane perpetua moerens carpere juventa !
>
> VIRGILIO.

Já meia noite é passada ;
nenhum som perturba os ares;
nenhuma luz veladora
aclara os quietos lares.

Deserto parece o mundo,
jaz no somno a humanidade;
¡que doces horas são estas!
¿baixou dos ceos a egualdade?

O tiranno está sem forças,
o fraco sem oppressão,
não ha quem sustente um sceptro,
não ha quem soffra um grilhão.

O opulento é sem thesoiros,
o pobre a pobreza esquece,
e o raio da prepotencia
no horror da noite fenece.

Os paços, como as cabanas,
em sombras estão submersos;
nada humilha os miseraveis,
nada entumece os perversos.

Triúmviros homicidas
não lavram cruento edicto,
dorme o algoz, o réo descança,
descança em paz o proscripto.

¡Os homens eguaes e livres!...
¡céos, ¡que rapido prodigio!
¡ó noite! ¡como eu te adoro
por este feliz prestigio!

Tu és, na augusta presença
da austera philosophia,
apezar de teus horrores,
mais bella, melhor que o dia.

¡Mas quanto, quanto mais doce
não és aos olhos do amante,
que sonha sempre co'a bella,
de quem suspira distante!

O silencio, a escuridade,
vos concentram mais e mais,
ideias encantadoras
que n'alma lhe esvoaçais.

O incendio interior se augmenta,
recresce a imaginação,
é mais fecunda em prodigios,
seus quadros mais vivos são.

Ternas memorias saudosas
e desejos seductores
abrem nas horas sombrias,
em que abrem mimosas flores.

De noite se diz que as fadas
em seus encantos se empregam;
de noite os magos amores
a seus mysterios se entregam.

No leito do solitario
entre as caladas cortinas
vem brincar chusma risonha
de mil chimeras divinas.

Acolhe-me a lassa fronte,
ó meu travesseiro amigo;
só tu sabes quem é Julia;
conversar me apraz comtigo.

Confidente mais amavel
não acho no mundo inteiro;
¿ quem te ensinou tantas coisas ?
¿ acaso és tu feiticeiro ?

As alvas plumas que te enchem
foram das pombas de Gnido;
tu foste feito por Venus,
bemfadado por Cupido;

foi pela mão dos prazeres
teu cheiro furtado ás rosas,
e teus laços purpurinos
obra das graças mimosas.

O cinto da Paphia deusa
jaz escondido em teu seio;
tu só exhalas ternura,
de amores sómente és cheio.

Em quanto Morpheu não chega,
tu me escutas, me respondes;
senhor dos segredos d'ella,
nenhum segredo me escondes.

Meu fogo applaudes e augmentas,
e a cada instante me dizes:
«Se Julia mudar não deve,
«invejem-te os mais felizes.»

Depois que o somno me envolve,
tu fazes sahir risonhos
a girar ante o meu rosto
os mais agradaveis sonhos.

Alguns d'elles de repente
de seu leito a vão furtar,
e a trazem como em triumpho,
e m'a dão sem n-a acordar.

Illusões não são tão vivas;
senti-lhe a respiração,
aqui palpitou seu peito
debaixo da minha mão;

e n'este sitio que tóco
e imprimo co'a fronte minha,
era aqui mesmo que a bella
seu rosto encostado tinha.

Não percamos nosso tempo:
¿que faz ella n'este instante?
responde; ¡sim!... Não te creio,
tu queres zombar do amante.

¿Não vês quanto agora é tarde?
¡se olhasses o ethéreo plaustro,
verias que te enganavas:
alta noite... e só num claustro!...

¡abraçando o altar deserto!
¡das sombras velando em meio!
¡de seu amante occupada!?
não, amigo, eu não te creio.

¡Mas o teu quadro é tão vivo,
que me não póde mentir!
bem vejo sobre o alvo lenço
uma lagrima cahir...

¡Levantou-se!... um rumor surdo
só faz co'a planta apressada;
atravessa os corredores,
desce por lúgubre escada.

Abre uma porta estrondosa,
e o cemiterio cruzando
chega aos jardins, onde a amiga
por ella estava esperando.

Por entre os muros erguidos
de longo buxo cerrado
caminham juntas á sombra
de um céo immenso e estrellado.

O ruido da cascata
que tu prateias, ó lua,
com branda voz as convida
ao fundo de umbrosa rua.

Lá vão na relva sentar-se,
que cercam rosaes florídos;
¡que sons de melancolia
veem ferir os meus ouvidos!

A guitarra suspirando
ao toque de niveos dedos
parece estar-se queixando
aos proximos arvoredos.

¿Sobre que peito repoisa
este instrumento de dôr?
sobre o teu, formosa amiga
do objecto do meu amor:

¿Findo o choroso preludio,
que meiga voz se alevanta?
oiçamos... ¡silencio! é Julia,
a minha Julia que canta:

«Acompanhae meu vão lamento,
auras ligeiras que passais;
tu, caro a amor, doce instrumento,
casa com os meus teus frouxos ais.

«Repoisa em paz o mundo inteiro,
e eu vélo entregue á minha dor.
Na mudez santa do mosteiro
dormi, ó Virgens do Senhor.

Virgens, dormi; eu vi a flor
dormindo ao pé do seu ribeiro.

«Acompanhae meu vão lamento,
auras ligeiras que passais;
tu, caro a amor, doce instrumento,
casa com os meus teus frouxos ais.

«¡Quanto eu dormia descançada
entre as irmans filhas do céo!
¡e quanto a noite é prolongada
depois que o somno me esqueceu!
a nutrir sempre o fogo meu,
triste vestal, sou condemnada.

«Acompanhae meu vão lamento,
auras ligeiras que passais;
tu, caro a amor, doce instrumento,
casa com os meus teus frouxos ais.

«Cantor da noite e dos amores,
¡oh! vae mais longe modular;
cruel, não venhas minhas dores
com teus prazeres augmentar;
eu canto afflicta o meu penar,
e tu contente os teus amores.

«Acompanhae meu vão lamento,
auras ligeiras que passais;
tu, caro a amor, doce instrumento,
casa com os meus teus frouxos ais».

Das noites o fresco orvalho
cái nas folhas que estremecem;

expira o canto, e das cordas
os molles sons desfallecem.

Entram ambas na alameda
que leva aos portões sagrados;
afastam-se. Adeus, amavel
origem dos meus cuidados.

O' meu caro Travesseiro,
em premio de tal visão,
toma um só beijo d'aquelles
que a Julia guardados são.

Mas prosegue nos meus sonhos
tuas mentiras formosas,
e ámanhan juro coroar-te
de uma grinalda de rosas.

O SOBRESALTO

......Ingeminant curæ, rursusque resurgens
Sævit amor, magnoque irarum fluctuat æstu.

VIRGILIO.

¿Quem és? não fujas, cobarde;
não salvas teu crime horrendo;
¿entre as mattas do mosteiro
por que te somes correndo?

Pára... morre... mais não ouses
com tua mão profanar
a flor que os anjos cultìvam
em paz á sombra do altar.

¡Julia! ¡Julia! ¿que fizeste?
¡ah perfida! meus suspiros,
teus votos, os sacros muros,
o terror d'estes retiros,

a santa mudez da noite,
as imagens consagradas,
os melancolicos eccos
d'essas marmóreas escadas,

os pios do mocho infesto,
os gritos da consciencia,
¿nada susteve em seu curso
tua funesta imprudencia?

¡Ai flores da minha esp'rança
com tanto amor cultivadas!
súbito raio vos fere,
eis-vos em cinzas tornadas.

Fé, virtude, amor, doçura,
tudo, tudo era fingido,
cahiu a máscara á furia,
desfez-se o jardim de Gnido.

¡E eu te amei!... ¿mas com quem falo?
¿onde estou? ¡Que escuridão!
¿que é da lua? ¿Onde está Julia?
¿Onde esses bosques estão?

Graças aos ceos, foi um sonho;
sinto o sangue alvorotado,
qual depois da tempestade
freme o mar inda agitado.

¡Mas quantas vezes co'os sonhos
se misturam prophecias!
¡quem sabe que horrores podem
nascer co'os futuros dias!

¿Sei eu o que sou eu mesmo?
¿sei por que força divina
o genio que em mim se alberga
recorda, pensa, imagina?

¿ Sei do universo os mysterios?
¿ de algum dos entes a essencia?
¿ que serei depois da vida?
¿ que fui antes da existencia?

O philosopho, orgulhoso
porque analisa uma flor,
e compõe sobre o universo
systemas a seu sabor,

zombe da minha incerteza;
mas eu, vérme de um só dia,
ignoro o mundo passado,
e o mundo que principia;

eternidades me envolvem,
vivo entre mundos submerso,
não vejo as molas occultas
que movem todo o universo.

Talvez phantastico mundo
encha este mundo visivel,
e do que fado chamâmos
componha o poder terrivel.

¿ Dos sonhos quem sabe a causa?
¡E então, Julia, se este sonho
de um futuro inevitavel
fôr o preludio medonho!...

Da minha vingança treme,
treme das raivas de amor;
em mim não acha limites
nem ternura, nem furor.

Se é verdade que transmigrem
as nossas almas errantes,
a minha animou já corpos
de furiosos e amantes.

Já fui despiedado tigre,
já fui rôla melindrosa;
leão rugi nos desertos,
borboleta amei a rosa;

fui esse moiro soberbo,
gloria, horror da natureza,
que assassinei Hidalmóne
co'a mente de amor accesa;

eu fui o que ardi por Záira,
e vendo-a co'o meu rival,
«*Morre, perfida*» lhe disse,
e lhe enterrei o punhal.

Venturoso o musulmano
que em seu harem avarento
guarda a esposa, qual se guarda
um secreto pensamento.

De amor não ousa fial-a;
amor co'as azas cortadas
vive escravo entre cadeias
n'essas defezas moradas.

O que elle adora é só d'elle,
não deixa vel-o a ninguem,
eunuchos de alfange armados
noite e dia em paz o teem.

Adora as proprias escravas,
e no palacio onde as fecha,
afóra traição, perfidia,
os mais prazeres lhes deixa.

Vós que o sabio musulmano
ousais barbaro chamar,
cidadãos da culta Europa,
vós antes deveis córar.

O amor, a virtude, o pêjo
são palavras entre vós;
¿quem vos prohibe ser homens?
¿egualar nossos avós?

Levae o fogo aos theatros,
aos vastos salões doirados,
aos perfidos toucadores,
aos livros envenenados.

Tornae á terra o seu oiro,
os seus infestos diamantes;
escolhei: vossos costumes,
ou ternas, fieis amantes.

O' Julia, pois é preciso
que tu me conheças bem,
ouve: eu te amo na minh'alma
qual nunca se amou ninguem.

Desejaria sumir-te,
sumir-te no coração;
mas ternura sem limites
quer egual retribuição.

Chores, rias, penses, fales,
dormindo ou velando estejas,
eu quero que em tudo minha,
e toda, e por tudo sejas.

Se tu mãe te abraçasse
eu seria descontente;
se beijasses tua amiga,
sentiria zêlo ardente;

sentil-o-hia, se em segredo
com tua irman conversasses;
ou tenro, innocente infante
inda no berço afagasses.

Não perdoára esses crimes:
mas se um mancebo qualquer...
basta que fales, que escutes,
então, juro, has-de morrer.

A FEITICEIRA

Huye, teme, sospecha, inquiere, zela.

LOPE DE VEGA.

—«¿Que mão de estrangeiro bate
«á hora da lua nova?
«¿quem perturba em seus mysterios
«a feiticeira da cova?»

—«O espirito solitario,
«e a paz habite comtigo;
«abre ao choroso estrangeiro,
«filha do seculo antigo.

«A chuva em torrentes desce,
«ferem-me os ventos gelados,
«trago off'rendas á caverna,
«quero saber os meus fados.

«Houve um tempo em que eu fui livre;
«agora aborreço e adoro,
«vivo nos céos e no inferno,
«de raiva e ternura chóro.

«Um turvo sonho me disse
«que a virgem da solidão
«soffrêra tocar-lhe o seio
«estranha, nocturna mão.

«D'esta visão agitado,
«tremendo consulto as flores;
«mas quantas, quantas desfolho
«veem redobrar meus terrores.

«Do mosteiro solitario
«entre as montanhas e o mar
«mulher incognita e negra
«acaba emfim de chegar.

«Conhece as irmans piedosas,
«viu todo o retiro antigo,
«falou com ella, e confirma
«o que raivando te digo.

«Acabei; Filha da noite,
«mulher das passadas eras,
«responde, aclara este enigma;
«responde: ¿ que mais esperas?»

Disse, e calei-me. A Sibylla
colhe um pombo fugitivo,
beija o mil vezes, mil vezes,
e ao fogo o arremessa vivo;

abraça-me, e de repente
gritando «¡ desgraça eterna»!
me impelle, vôa ululando,
e se perde na caverna.

O BERÇO E O PUNHAL

Fuissem tamquam non essem; de utero
translatus ad tumulum.

JOB.

¡Um lustro! ¡sómente um lustro!...
¡como o teu somno é profundo!
sem temores, nem remorsos,
¡nem vans lembranças do mundo!

E' quasi passada a noite,
inda a aurora não se ergueu:
luminosa a estrella d'alva
já surge no fresco céo.

D'esta alcôva o mudo espaço
fraca alampada alumia,
cujo clarão palpitante
vai cedendo ao novo dia.

Alveja a nua parede
co'a frouxa luz matinal;
e tu prolongas a noite
em teu berço virginal.

Salve, imagem da innocencia,
amavel, gentil menina;
¡que edade! ¡não mais que um lustro!
¡que estado! ¡que paz divina!

Sobre teu peito inclinado
respiro o ar que respiras;
mas eu vélo, eu gemo, eu ardo;
e tu dormes, não deliras.

Bebes o nectar da vida
por taça doirada e pura;
na rósea, pequena bocca
brilha o sorrir da ventura.

Se aos teus unindo os meus labios
podesse beber-te a vida,
trazer a tua innocencia
á minha alma destruida,

¡com que encanto me sentira
reverdecer, e florir,
qual planta dos sóes queimada
onde o orvalho vem cahir!

Tornaria a achar a infancia,
quadra alegre, mas esquiva,
bella como a borboleta,
bem como ella fugitiva.

¡Vão desejo, inuteis sonhos!
nunca, nunca voltarão
os aureos dias passados
de tão formosa estação.

Tu mesma que hoje os desfructas,
tu mesma... o lyrio florece,
desbota, e murcha, e se enrola,
e depois desapparece.

Joven arbusto innocente,
os teus dias vão formosos,
porém se arvore te fazes,
darás fructos venenosos.

¿Não conviria cortar-te?
sim, cortar-te; ¿e por que não?
¿d'onde nasce o horror á morte?
¿d'onde ao sangue esta aversão?

Se de uma só punhalada
eu te fizesse morrer,
findára comtigo os males
que has-de causar e soffrer.

¿Não é doce a paz do somno?
¿e se ella fosse mais certa?
¿mais duravel?... ¡bem! se a mato,
não mais do somno desperta;

ou se acordar, será n'outro
eterno, ameno paiz,
onde n'um dia sem noite
viverá sempre feliz.

Não receio a natureza,
não temo reprehensões,
não sigo a vingança, a raiva,
cedo a nobres impressões.

O tempo lhe vôa em roda,
o tempo a fará crescer;
hoje, arbusto; ámanhan, cedro;
¡dentro em pouco... eil-a mulher!

Na vida os primeiros passos
por ora tens dado apenas,
só tens visto flóreos prados,
céos azues, alegres scenas.

Se fôres um pouco ávante
na estrada que te seduz,
entrarás horriveis bosques,
onde a custo rompe a luz.

Calcarás duro terreno
arripiado de abrolhos,
a buscar outro caminho
cançarás em vão teus olhos.

¡Um labyrintho medonho
só de monstros povoado!
¡desertos! depois... ¡desertos!
e um céo de bronze forrado.

Pedirás em altos gritos
ao deserto silencioso,
ora as rosas dos prazeres,
ora a fonte do repouso.

Mas o repouso não sabe
a entrada d'este logar;
se o prazer ali traz rosas,
costumam logo murchar.

¿Que Nume salvar-te póde?
¿qual terás seguro abrigo?
lá corre a morte, lá fere,
lá se abre a terra comtigo;

cáis soltando um grito agudo;
tua alma vai... não sei onde;
teu corpo murcho e gelado
lage eterna ao mundo o esconde.

Tens feito na vida o bello
passeio da madrugada;
olho os ceos, descubro n'elles
a borrasca annunciada.

O dia será tão negro,
que a noite a par será bella;
antecipemos a noite,
da aurora se passe a ella.

Morre pois, illude a raiva
com que já te espera a sorte;
bebe, ignorando o que bebes,
o doce calix da morte.

Não te exponhas dos remorsos
a supportar os dragões,
o infortunio dos humanos,
a guerra atroz das paixões.

Morre pois; mas se acordares
no instante em que o ferro cravo...
alma innocente, perdoa
o pranto com que eu te lavo.

Não chóro o teu fim, que a turba
dos anjos todos festeja;
chóro sobre os meus tormentos,
verto lagrimas de inveja.

Morre, e eu fico neste cáhos!
de ethéreas rosas coroada
tua sombra ha-de appar'cer-me
nos sonhos da madrugada.

Virá co'um sorrir celeste
agradecer-me o que fiz...
Eil-a se volve em seu berço...
¿por que acordas, infeliz?

¿por que encaras com ternura
o teu piedoso assassino?
da dextra me escapa o ferro;
triumphou teu mau destino.

¿Vês pela aberta janella
romper o sol do oriente?
¿ouves os cantos das aves?
¿vês todo o valle contente?

Sim, tudo isto ia roubar-te;
mas em troca de tudo isto
¡que portas d'oiro te abria!
que universo inda não visto!

¿Acordaste? bem; pois vive;
escrava soffre entre escravos
da fortuna a tirannia,
da natureza os aggravos.

Teu astro nascente vibra
por ora um clarão doirado,
mas de férreo, torvo lume
depois rolará cercado.

Espessas nuvens o esperam
no occidente amontoadas,
referverão a engulil-o
as ondas amotinadas.

Cresce, vive, encanta os olhos,
torna-te a inveja das bellas,
sê detestada e querida,
terna e perjura como ellas.

Embriaga-te de pranto,
adormece ao som dos ais;
mas a belleza é caduca,
mas as graças são mortaes;

a vida é mais longa que ellas,
e as roseiras espinhosas
teem duros troncos agrestes,
que sobrevivem ás rosas.

Julia, Julia, ¡ah! se eu podesse
recuar tua existencia,
achar-te a dormir no berço
toda ornada de innocencia...

se n'esse momento, aberto
do fado o cruel volume,
eu lesse futuros dias,
eu previsse este ciume...

não, não teria hesitado;
o ferro por minha mão
te voaria sem custo
ao fundo do coração.

AS RUINAS DO MOSTEIRO

. . . Forsan et hæc olim meminisse juvabit.

VIRGILIO.

—«Boa tarde, honrado velho!
«onde leva este caminho?»
—«Ao fundo do Valle Escuro,
«por traz do oiteiro visinho.

«Querieis lá ir?»—«E quero.»
—«Deixae hoje esse passeio,
«é quasi sol posto.»—«Embora.»
—«A noite...»—«Nada receio.»

—«Esperae o novo dia.»
—«Que temor!»—«Eu vos conjuro.»
—«Explicae-vos sem rodeios;
«¿ que ha pois n'esse Valle Escuro?»

—«Ciprestes, aves de agoiro,
«mil fantasmas horrorosas,
«e as ruinas de um mosteiro
«de antigas religiosas.

«Ninguem de noite ousaria
«entrar em taes solidões;
«poderia referir-vos
«horrorosas tradições.»

— «Eu te agradeço o teu zêlo,
«bom velho, mas vou seguro...»
— «Onde?» — «Ao meio das ruinas.»
— «Onde?!» — «Adeus, ao Valle Escuro.»

Como a tarde está suave!
quero ao lugubre retiro
chegar, antes que findado
tenha o sol o ethéreo giro.

Ciprestes, aves de agoiro,
e de um claustro antigos restos,
devem aos olhos do povo
conter espectros funestos.

Eu acharei as saudades,
e as doces recordações,
onde o vulgo só encontra
terrores e apparições.

Eis um cipreste isolado!
ah! saudemos com transporte
a sentinella perdida
d'esse exercito da morte.

Lá em baixo outro se avista,
lá se descobre terceiro;
eis o bosque tenebroso;
não fica longe o mosteiro.

Atravéz d'esta alameda
se off'rece ao longe uma torre;
de manto escarlate a veste
o sol que já quasi morre.

Entremos por esta parte;
de um muro os restos diviso;
era um jardim n'outro tempo
a terra inculta que piso.

¡Nenhuma flor delicada!
as jardineiras... ¡morreram!
ás anémonas, aos cravos,
bravas silvas succederam.

As rosas estão silvestres;
murtas, buxos elegantes,
desmentindo a antiga fórma
surgem arvores gigantes.

Herva e musgo enche os passeios,
e densa informe espessura
succedeu ás alamedas,
ás cabanas de verdura.

D'esta cascata soberba
os cysnes estão quebrados,
cheios de bisso os brutescos,
os ornatos mutilados.

Marmoreo, redondo tanque
que undoso cristal enchia,
que habitavam róseos peixes,
e onde um repuxo fervia,

apenas da água das chuvas
no fundo um resto conserva;
da garganta do repuxo
nasce impune esteril herva.

¡Quantos trabalhos perdidos!
¡que de oiro lançado em vão!
um sôpro da natureza
prostra as obras da ambição.

Antes que o dia feneça
entremos no templo antigo.
¡Que solidão! ¡que silencio!
só me oiço; estou só comigo.

Assentemo-nos um pouco
n'esta columna quebrada;
¡Assim pois se acaba tudo!
¡quanta grandeza! ¡e que nada!

A abobada, que devia
soffrer dos tempos a guerra,
¡eil-a! os seculos voaram,
quasi toda está por terra.

Uma alampada continua
ali brilhava pendente;
o tecto já não existe;
vê-se agora o ceo patente.

Em roda d'estas pilastras,
d'estes altares sem culto,
verdeja a grosseira ortiga,
arraiga-se o cardo inculto.

N'esse côro majestoso,
onde a musica soava,
goza do sol e da lua
em paz a figueira brava.

Do alto pulpito as escadas
o pé do tempo estalou,
fendeu as altas paredes,
as arcadas inclinou.

¡ Como tudo está mudado !
aqui vinha um povo immenso;
illuminavam-se as aras;
subiam nuvens de incenso;

a seda ornava as paredes;
retiniam santos hymnos;
a oração aos ceos voava;
ouviam-se alegres sinos.

A infancia trazia flôres,
preces a idade madura,
remorsos o criminoso,
suspiros a formosura.

Agora... ¡ silencio e morte !...
saiâmos d'este logar;
vamos; antes que anoiteça
quero o resto examinar.

Salve, columnas musgosas,
arcadas longas e escuras,
claustro immenso, altas capellas,
religiosas sepulturas.

Anda-se aqui sobre a morte;
calco antigas gerações,
de que apenas restam lettras
nas sumidas inscripções.

Adivinhemos alguma.
Aqui jaz... perdeu se o nome;
¡ assim dos frageis humanos
o tempo as memorias some!

Esta lage Emilia cobre;
só quatro lustros viveu.
Trocou seu borel grosseiro
pelas delicias do ceo.

Cheia de annos e de bençãos
Sophia aqui dorme agora,
de um virtuoso rebanho
mais virtuosa pastora.

Vinte e duas primaveras
só viu a innocente Ignez;
morreu no dia em que os votos
aos pés dos altares fez.

¡ Julia! que nome diviso!...
¡ Julia n'esta sepultura!
¡ que novo terror me assalta!
¡ que ideia para a ternura!

¡ Ah! vôe dos ceos o raio,
¡ ah! pereça a malfadada
pedra atroz, que ousou lembrar-me
ser mortal a minha Amada.

Julia, Julia, a minha Julia,
a que eu chamava immortal,
¿não será exceptuada
d'esta lei universal?

A sua viçosa idade,
essas faces, esse riso,
essa graça, essa innocencia
inveja do paraiso,

esse espirito brilhante,
essa voz e meiga e viva,
esse composto celeste,
que me encanta e me captiva,

¿tudo isto será desfeito
como um sonho? ¿uma illusão?
¿como um iris luminoso
ao cahir da escuridão?

O tempo lhe deu encantos,
¿e o tempo furtar lh'os deve?
¡rugas no róseo semblante!
¡as tranças da côr da neve!

¡Desbotado e murcho o seio,
tardo o passo, a voz sumida,
curva, tremula, sem forças!
¡e logo depois... sem vida!

Verdade, cruel verdade,
a tua luz me importuna;
mas este amor que me abraza
despreza o tempo e a fortuna.

Ou da existencia no occaso,
ou na flor dos annos verdes,
ou na vida, ou no sepulcro
não, Julia, tu não me perdes.

Se mais longos que os teus dias
meus dias contados são,
pelo pó que antes foi Julia
baterá meu coração.

Desviemos esta ideia,
paz ao sepulcro fatal;
que brilhante a lua nasce!
que socego universal!

quero errar, quero perder-me
n'estas ruinas extensas;
¡que soberbas galerias!
¡que escadarias immensas!

Por esta janella aberta
se descobre a lua em frente;
nas lageas se estampa a grade,
que adorna um festão pendente.

Lá embaixo o antigo pateo,
onde um ecco apenas mora,
brilha com as águas do inverno,
n'um lago tornado agora.

Era aqui... um dormitorio;
agora jaz descoberto;
d'estas cellas o recinto
acha-se mudo e deserto.

N'esta as paredes se adornam
de virentes cortinados,
só pela brisa da noite
ligeiramente agitados.

N'esta as heras trepadoras
formam tufos de folhagem;
n'aquella dorme apinhado
de pombas bando selvagem.

Torne a entrar da vida o sopro
da morte no imperio triste;
retrocedei, leves tempos;
terra, entrega o que engoliste.

Reappareça de repente
o mosteiro, o movimento,
os sons, os passos, as vozes,
o virgineo ajuntamento.

Em vão conjuro as edades
e a tremenda natureza;
nada accorda; nada muda;
¡igual somno! ¡igual tristeza!

Vou descer de novo ao templo;
quero a fronte repoisar:
servi-me de cabeceira,
marmóreos degraos do altar.

¿Que objecto ferí co'a dextra?
um craneo!... ¿por toda a parte
devo pois, terrivel morte,
continuamente encontrar-te?

Tomemos esta caveira;
¡eis o fim da humanidade!
¡eis o escolho, onde naufragam
riqueza, saber, vaidade!

¡eis a meta impreterivel
dos prazeres, e dos ais!
o monumento onde a morte
gravou «*Até-qui; não mais.*»

¿Quem me dirá se esta fronte
cingiu da conquista o loiro?
¿se encheu de suor os sulcos?
¿se trouxe um diadema d'oiro?

Ninguem, ninguem no universo.
¡que misterio impenetravel!
¿mas viveria aqui dentro
de outra Julia o genio amavel?

Esses olhos, essas faces,
esses cabellos compridos,
esses labios cor de rosa
hoje em terra convertidos,

¿seriam como os de Julia?
¿como a de Julia seria
insinuante e suave
a voz, que d'aqui sahia?

Ideias, que esvoaçaveis
no interior d'esta caverna,
¿ereis ideias de Julia?
¿de uma alma sensivel, terna?

Se assim foi, se houve no mundo
o ente puro e perfeito,
cujo aéreo simulacro
adoro dentro no peito,

se Julia, tal como a vejo
nos sonhos da phantasia,
não existe em parte alguma,
mas existiu algum dia,

baixa dos ceos estrellados,
mulher, ou anjo, ou deidade;
apparece-me vestida
de celeste claridade;

faze me ouvir que morreste,
que os meus suspiros são vãos;
abrirei da morte as portas
pelas minhas proprias mãos;

e meu phantasma raiando
de eterno clarão sidereo
irá respirar comtigo
no teu venturoso imperio.

Debalde te peço ás nuvens;
¡tu não vens! ¡ tu não morreste!
¡tu vives pois sobre a terra,
ente divino e celeste!

Mas tu, craneo, ¿de quem eras?
consultemos-lhe a figura;
propensões, caracter, genio
se adivinha na estructura.

Aspereza e fronte larga...
elevações eminentes...
olhos fundos... foste um homem;
vejo signaes evidentes.

Se este indicio não me engana,
aqui, aqui dentro ardia
o estro audaz que abarca os mundos,
o vulcão da poesia.

Tinhas nascido um Virgilio;
talvez te opprimisse o fado,
e em vez de pulsar a lyra
seguisses humilde arado.

Da suave *bonhomia*
cá vejo o feliz signal.
Eis o orgão da ternura;
eis o do amor paternal.

¡E tu morreste! ¡e eu não pude
jámais achar-me comtigo,
bom pae, bom vate, bom homem,
bom amante, e bom amigo!

Praza aos ceos que no futuro
se entre ruinas achado
por mão d'outro solitario
for o meu craneo escalvado,

praza aos ceos que suspirando,
como eu suspiro com este,
diga tambem: «Eu te amára,
«homem bom; ¿por que morreste?»

Esta ideia!... ¿eu morto?... ¡morto!
¡gelado!... ¡insensivel!... ¡só!...
¡coberto de escura terra!...
¡desfeito!... ¡mudado em pó!...

Eu, que vivo... e penso... e falo...
¿eu? ¿eu mesmo? ¿A chamma interna
que me aquece, que me anima,
não póde durar eterna?

«Não.» Mas... «Não.» ¡Que voz terrivel!
¡quanto esta ideia é sombria!
as trevas me estão pezando...
¡se agora nascesse o dia!

¿Mas que é da lua? sumiu-se
no ceo de nuvens coberto;
violentos mugem no espaço
os aquilões do deserto.

Volve o ar as sêccas folhas;
ao longo da escadaria,
atravez dos corredores
¡que rijo o vento assovia!...

Nem portas, nem mão que as feche
na noite da tempestade;
de instante a instante recresce
a espantosa escuridade.

Relampagos successivos
rompem de todos os lados,
momentos do meio dia
á meia noite emprestados;

de ceo em ceo se despenna
o trovão que abala os ares,
os eccos o multiplicam
no seio d'estes logares.

O coro em silencio fica,
ficam as aras sem luz,
nenhumas virgens chorando
veem orar aos pés da Cruz.

N'outro tempo... e agora todas,
todas dormem sem temor;
em vão lhes fulmina os muros
a tempestade em furor.

Parece que os ceos desfeitos
dos ventos co'a insana guerra
em ruinas se despenham
sobre as ruinas da terra.

¡Que noite! ¡que horrivel noite!
¿não senti n'este momento
um som de portões de ferro
por baixo do pavimento?

¿Mas que som?... Talvez foi erro
¿pelo temor produzido.
¿No fundo d'esta capella
respirar não tenho ouvido?

E' a coruja que ressona,
Um tremor involuntario...
¿Não sinto um vestido aéreo
correndo no sanctuario?

E' talvez um vento surdo
que na folhagem murmura...
Saiâmos. ¡Que luz! ¡que vejo!...
¡aberta uma sepultura!

— «¿Quem és tu, sombrio espectro?
¿«quem te deu o atroz direito
«de ousar presentar-te aos vivos,
«de sahir do eterno leito?»

— «¿E tu quem és, que insolente
«interrogas d'esta sorte
«o morador das ruinas,
«um dos vassallos da morte?»

— «Homem sou.» — «¿Porque vieste
«nas ruinas pernoitar?»
— «Vim ao meio das ruinas
«recordações procurar.

«Este ermo habitado outr'ora
«pelas virgens do Senhor,
«por ter sido a amor vedado
«é hoje o encanto de amor.»

— «¿Amas?» — «Sim.» — «¿Amas?!...» — «Adoro.»
«¡desgraçado! vem comigo
«tremer de meus fados negros
«no fundo d'este jazigo.»

Entrámos na aberta campa;
a luz que na mão levava
pelas humidas escadas
os nossos passos guiava.

Lá em baixo, bronzeas portas,
que antes ouvira soar,
á mão do espectro impellidas
se abriram de par em par.

Dentro em vasto subterraneo
nos achámos n'um momento;
montão de ossadas se eleva
no lageado pavimento.

Ferrea Cruz alçada aos ares
sobre ferreo pedestal,
protege co'os longos braços
este despojo fatal.

Vós, que em torno á minha lyra
longo silencio guardando
estais com attento ouvido
horrivel scena esperando,

se alma piedosa vos coube,
poupae-me a atroz narração;
a lyra se envolve em lucto,
o plectro me cai da mão;

A lyra em que vós sois numes,
Amor e Melancolia,
¿do assassino de uma esposa
a historia contar podia?

Na dextra do falso espectro
eu vi de sangue inda cheio
luzir o alfange homicida,
que abríra o mais terno seio.

Eu vi da rugosa fronte
cahir-lhe um suor mortal;
ouvi-lhe os gritos inuteis
de seu remorso infernal.

Vi o pallido assassino
n'um frenetico transporte,
invocando a sombra inulta,
uivar na casa da morte,

rolar alagado em pranto
sobre os ossos alvejantes,
ferir co'as mãos indignadas
os tumulos circumstantes.

A lembrança d'esse dia,
d'esse dia atroz, nefando,
como um rochedo abrazado
lhe está sobre a alma pesando.

Em vão pela morte chama,
pragueja a vida teimosa,
foge a luz, procura as trevas
d'esta caverna horrorosa,

as trevas, que só lhe off'recem
do somno nas férreas horas,
ou nas compridas vigilias,
apparições vingadoras.

Se vai sahir d'estes sitios,
vem logo invisivel braço
repellil-o do universo,
reter-lhe o convulso passo.

D'entre os viventes expulso,
entre os mortos não acceito,
inda respira no mundo,
mas traz o inferno em seu peito.

Só ousa subir á terra
nas noites de tempestade,
bramar co'os trovões, co'os ventos,
dos raios á claridade.

E sua esposa entretanto
inda amante, inda fiel,
nos ceos o perdão supplíca
do seu matador cruel;

agradece a punhalada
que a pôz n'um mundo melhor;
no injusto ciume encontra
menos injuria que amor.

As circumstancias tremendas...
¡Julia, Julia, não me atrevo!
negro veo se corra ao quadro,
aos olhos roubar-t'o devo.

Basta: eu chóro a desgraçada,
chóro o seu fim desastroso,
mas chora, chora tu mesma
o innocente criminoso.

Tremamos ambos, tremamos;
aprende o que esta alma sabe,
que onde cabe amor extremo,
extremo ciume cabe.

TENTATIVA ANACREONTICA

Odi et amo. Quare id faciam fortasse requiris?
Nescio, sed fieri sentio, et excrucior.

ÇATULLO.

A primavera renasce:
é tudo prazer e amores,
ceo e terra, montes, valles,
rebanhos, aves, pastores.

Toda a cadeia dos entes
de encanto electrico é cheia;
¿não sou eu tambem um élo,
um élo d'esta cadeia?

¿Pois que furia me separa
do alvoroço universal?
¿O genio do bem com todos,
comigo o genio do mal?!

¡Sempre cuidados no peito!
¡na mente sempre terror!
eu vi de fendida campa
brotar hoje humilde flor.

Melancolicas ruinas,
vós vos cobris de verdura,
pendentes festões vos ornam
onde aura leve murmura.

Bem: coroemo-nos de rosas;
longe as nuvens da tristeza;
esqueçâmo-nos de tudo;
gozemos da natureza.

Vem, ó lyra dos prazeres,
ó lyra de Anacreonte;
não tremas de um solitario,
de flores já cinjo a fronte.

Dae me a taça trasbordando;
pereça a tristeza odiosa;
¿não gorgeia o passarinho
depois que lhe morre a esposa?

Quero cantar livremente;
¿que me importa a enganadora?
¿acaso Julia no mundo
foi a primeira traidora?

Enchei-me segundo copo,
cercae-me de novas flores,
riâmos do seu perjurio
sem pena de seus amores.

¡Nunca mais o nome d'ella,
esse nome harmonioso
como o som de uma harpa eolia
n'uma noite de repouso!

Cantemos antes as Graças;
mais dignos objectos são:
as Graças em tudo a egualam,
excepto no coração.

¿Seu coração que me importa?...
não jaz minh'alma liberta?
mas se uma illusão... se um erro...
¿que digo? a perfidia é certa.

Bebâmos. ¡Ah! se ella agora,
co'o semblante em raiva acceso
podesse vêr em meus labios
este sorrir de despreso,

¡quanto seria humilhada!
sim: talvez que a confusão
até lhe chamasse aos olhos
o pranto da indignação.

¿Ella? ¿Julia? ¡ah! Julia agora
em vez de lembrar-se d'isto,
passeia rindo e cantando,
e nem lhe lembra que existo.

Vae-te, ó lyra dos prazeres,
não sei teus sons modular;
quebrae-vos, taças inuteis,
vos, rosas, podeis murchar.

O SUICIDIO

La douleur est un siécle, et la mort un moment.

GRESST.

Julia, Julia resolvi-me:
rasgo a minha negra sorte;
aos tormentos da existencia,
decidi, prefiro a morte.

¡Julia, adeus, adeus, ó Julia!
da vida o sonho agitado
cançou-me assaz; ¿vês a campa?
quero dormir descançado.

¡Se eu podesse convidar-te,
feiticeira encantadora,
a um banquete entre nós ambos,
que só durasse uma hora!

Uma tocha cor da noite,
que arderia sobre a meza,
te mostraria em meu rosto
a pallidez da tristeza;

não me ouviras uma fala;
mas dando te um forte abraço,
á garrafa mais distante
veloz dirigira o braço.

Tu me encherias o cópo
sem saber de que m'o enchias,
eu bebêra resoluto,
e terminára os meus dias.

Arrancando os teus cabellos
tu me cobriras de pranto,
abraçáras meu cadaver
com ternura, horror, e espanto.

Teu coração lacerado...
deixemos desejos vãos,
a distancia... era impossivel;
não será por tuas mãos.

Lê, Julia, o meu rogo extremo;
olha a lua; ¡oh! ¡como é bella!
ámanhan nascerá cheia;
ambos nós havemos vel-a.

Igual no dia segundo,
igual no terceiro dia,
mas ao quarto ha de eclipsar-se
deixando a terra sombria.

N'esse instante, n'esse mesmo,
sólta um grito de terror:
lá está luctando co'a morte
o teu ardente amador.

Sobre a margem de um caminho
raras vezes frequentado
murmura um carvalho antigo
do raio meio quebrado.

Pendente de um dos seus ramos
vou arrancar com violencia
de meu seio esta inimiga,
esta teimosa existencia.

Põe na lua attentos olhos;
as sombras darão signal;
quando a vires offuscada...
soou-me a hora fatal.

Acabei... Mãos compassivas
depois virão desligar-me,
e á sombra do meu carvalho
junto ao caminho enterrar me.

O meu carvalho, e o caminho,
ficará sendo chamado:
A arvore negra da morte,
a vereda do finado.

Os que passarem de dia
por este logar horrendo,
irão pelo opposto lado
com leves passos correndo.

Mas de noite... ninguem ouse
chegar com pé temerario
a sitios onde vagueia
meu phantasma solitario.

Não queira vêr meu semblante,
meus passos tardos e frouxos,
nem ouvir meus ais terriveis
atravez dos ais dos mochos.

Taes vão ser os meus destinos,
em quanto o dia não vem,
o dia tres vezes santo,
em que tu morras tambem.

Então meus gritos queixosos,
minha infesta apparição,
no horror, na mudez da selva,
nunca mais se notarão.

N'um thalamo subterraneo
juntos pelo amor ardente,
nossos espectros sorrindo
dormirão eternamente.

A ESPERANÇA

Veni de Libano, sponsa mea, veni
de Libano, veni; coronaberis.

CANTICO DOS CANTICOS.

Renasce o dia, e renasço
diverso do que hontem fôra;
meus pensamentos de morte
se perdem na luz da aurora.

¿ Que genio, que amigo genio
me entornou com dextra mão
este balsamo propicio
nas chagas do coração?

Dos ceos agradavel filha,
pintora da natureza,
¡ salve, ó luz! ¡ que de prodigios
derramas na redondeza!

Apenas tua presença
das sombras o horror desterra,
volve a fagueira esperança
a consolar toda a terra.

Se annoso tronco amanhece
todo copado de flores,
és tu, mimosa esperança,
que estás rindo entre os verdores.

Se a chuva cái sobre o sólo
que as sementes escondeu,
és tu que em luzente aljofar
mudada baixas do ceo;

és tu que as aves conduzes
de clima em clima diverso,
flor dos bens, vida da vida,
alma de todo o universo.

Tu chegas sem que eu te chame;
filtras sem ser pressentida;
de instaveis, aéreos quadros
tu me guarneces a vida.

Mas não tornes, cara esp'rança,
não tornes mais a deixar-me;
¡Julia! ¡como era possivel
a amavel Julia enganar-me!!

Desterrou-vos de minha alma
de Julia um sorriso terno;
sonhos, calumnias, agoiros,
sumi-vos no patrio Averno.

Um dia virá que aberta
a bronzea porta sagrada
deixará para o universo
volver a pomba encantada.

Do Libano apacos cedros,
de Iduméa altas palmeiras,
de Silcé solitaria
mysteriosas ribeiras,

chorae vossa perda eterna;
ó terra, exulta de gloria;
e vós, acolhendo a pomba,
Amores, bradae victoria.

Collinas, ¡ trajae de festa!
valles, ¡ enchei-vos de flores!
¡ salve, penates campestres,
no dia dos meus amores!

Vossas arvores vos cubram
de uma abobada florída,
patente a modesta porta
ria de lirios cingida.

Brilhante de mocidade,
co'o rubor por novo encanto,
do Libano vos conduzo
a esposa esperada ha tanto.

Esquecei de Julia o nome
por tanta vez repetido;
longos eccos solitarios,
este nome era fingido,

Mulher, mulher, nossos astros
depois de tão largo giro
emfim se encontram, se tocam
sob o ceo d'este retiro.

Para nós todos os dias
aqui nascerão doirados;
¡mas ai que os tempos melhores
são sempre os mais apressados!

Virá um dia em que rugas
e cabellos alvejantes
esfriarão nossos peitos,
mudarão nossos semblantes.

Os prestigios, os prazeres,
desertam dos corações,
mas inda então, então mesmo
teremos recordações.

As nossas proprias saudades
nos virão enternecer
co'os aéreos simulacros
do já gozado prazer.

Eu te direi: «¿Não te lembras
«d'aquelle antigo segredo?
«¿d'aquella primeira falla?
«¿d'aquelle opaco arvoredo?

«¿d'aquella tarde em que juntos
«contemplavamos o mar?
«¿d'aquella manhan do estio?
«¿d'aquelle canto ao luar?»

Uma lagrima, um suspiro
tua resposta será;
mas n'isto, sim, n'isto mesmo
¡quanta doçura não ha!

Tal do Eden outr'ora expulsa
junto do Eden suspirava
essa primeira familia
á hora em que o sol baixava.

Apressemo-nos ao menos,
e já que este fio é breve,
quanto se póde, enrolal-o
em fuso de oiro se deve.

Ao menos a mocidade
toda de amor se enfeitice,
e deixe em terno legado
saudades para a velhice.

FIM

INDICE